

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290005024



FE

TCC/UNICAMP F955s

PATRÍCIA YUMI FUJISAWA

SOBRE CARTAS, CRIANÇAS E APRENDIZAGENS

2010 24713

CAMPINAS

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Patrícia Yumi Fujisawa

Sobre cartas, crianças e aprendizagens

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para aprovação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

Campinas

2010



© by Patrícia Yumi Fujisawa, 2010.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	Fac Unicamp
	F955s
V:	EX:
Tombado:	5024
PROC:	134/10
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	05/10/10
COD TÍTULO:	771363

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F955s Fujisawa, Patrícia Yumi
Sobre cartas, crianças e aprendizagens / Patrícia Yumi Fujisawa. --
Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Cartas. 2. Produção escrita. 3. Relações interpessoais. I. Prado,
Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

10-163- BFE

Às queridas crianças que
tornaram esta escrita possível.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

Fernando Sabino, O encontro marcado.

Resumo

As cartas pessoais constituem-se em uma escrita possível de ressignificação de fatos, acontecimentos, informações e ideias de acordo com as experiências e os saberes que o remetente possui. Além disso, por objetivarem um destinatário real que, na maioria das vezes, corresponde a uma pessoa próxima afetivamente, cabe ao remetente preocupar-se em dar sentido àquilo que escreve para que seja capaz de se fazer entender pelo destinatário, transmitindo-lhe seu lugar enquanto sujeito do discurso. Dessa maneira, o presente trabalho de conclusão de curso constitui-se em um estudo de caso realizado em um 5º ano do Ensino Fundamental da rede pública do município de Campinas-SP, cujo objetivo principal era proporcionar que os 23 alunos da classe escrevessem cartas. Assim, durante o ano de 2009 foram produzidas um total de 72 epístolas endereçadas à estudante, sendo que buscou-se restringir o estudo limitando a análise em cinco alunos que apresentaram considerações relevantes quanto o uso do gênero cartas, bem como as relações interpessoais desenvolvidas na classe. A partir da análise das cartas selecionadas, juntamente com o estudo aprofundado referente aos gêneros do discurso foi possível observar as construções singulares que cada um dos sujeitos realizou através do uso das cartas.

Palavras-Chave: Cartas, Produção Escrita, Relações Interpessoais.

Sumário

Carta I: AO LEITOR, apresento-me	7
Carta II: PREZADO LEITOR, faço um esboço de tudo	12
Carta III: ESTIMADO LEITOR, escrevo sobre os gêneros do discurso e me fascino com as cartas	17
Carta IV: CARÍSSIMO AMIGO LEITOR, convido-o a entender o que vi e pensei acerca da sala de aula	25
Carta V: QUERIDO LEITOR, das práticas da professora Tamara e das minhas intervenções na sala de aula	32
Carta VI: QUERIDO AMIGO LEITOR, CARO LEITOR AMIGO, me conto através de Danilo	51
Carta VII: CARO LEITOR, apesar de distante, tenho muito a escrever sobre o Gustavo	58
Carta VIII: ALÔ, LEITOR, estou ansiosa para te contar sobre o Manoel	69
Carta IX: AMIGO LEITOR, dos encantos da escrita de Renata	77
Carta X: LEITOR, preciso que me ajude a refletir sobre a escrita de Tuani	87
Carta XI: MUITO QUERIDO LEITOR, das lições que aprendi	97
Carta XII: MEUS QUERIDOS E MINHAS QUERIDAS, enfim agradeço-lhes	112
Carta XIII: AOS INTERESSADOS, as várias outras vozes que se fizeram presentes nesta escrita	114

**Carta I: AO LEITOR,
apresento-me**

Campinas, uma tarde de janeiro de 2010

Ao Leitor,

Sinto entrar assim sem ao menos bater na porta. Em forma de carta me escrevo sem sequer saber se te conheço ou se já te vi. Tampouco sei quais são suas expectativas ao retirar da prateleira empoeirada esse exemplar de Trabalho de Conclusão de Curso... Mas, veja só, eu aqui querendo saber quem me lê quando nem me apresentei! Se minha mãe souber desse meu deslize com certeza culpará meu pai – “seu pai não te deu educação, não?” – com aquela boa e velha ironia que aprendi com tanto gosto.

Pois bem, meu nome é Patrícia. Nasci, cresci, vivi. Aprendi, aos trancos e barrancos, o que me fazia bem, o que não me agradava. Tive uma infância recheada de livros, família e algumas expectativas a cumprir. No final do Ensino Fundamental, acordei vários dias indisposta para ir a escola, não queria que me maltratassem mais, não sabia o que fazer. Mas, sobrevivi. Continuei minha história e a levei para o colegial. O ensino conteudista me transtornava, não havia sentido em nada daquilo.

Preencher as inscrições para os vestibulares foi um momento difícil. Qual carreira escolher? Por que caminhos seguir? E se eu não gostasse? Poderia desistir? Acabei optando por três cursos distintos: pedagogia, psicologia e ecologia. Achei que as notas no vestibular se encaminhariam de escolher qual faculdade eu deveria iniciar. Quanto engano. Vi meu nome escrito na lista de aprovados das três instituições. Era eu quem deveria decidir. Corri, então, atrás de profissionais das áreas pretendidas. Conversei, perguntei, refleti. E lá fui eu receber o trote das veteranas do curso de Pedagogia da Unicamp.

Por muito tempo me questioneei se havia feito a escolha certa. Se aquelas aulas iriam melhorar ou se estavam fadadas a continuar daquela forma maçante até o fim da graduação. Enquanto me perguntava, conheci, desconheci e redescobri pessoas, amigos, relações, professores. Afeiçoei-me, cativei, busquei. E mesmo naquele caminho de incertezas, sabia que era feliz. O que faltava realmente era uma

identificação maior com o curso. Algo que me ligasse, alguma coisa que reunisse toda aquela teoria e a tornasse uma...

E, leitor, foi na escola que me achei.

Agora, se você me pergunta por quê invado sua intimidade com um trabalho assim, em forma de cartas, em uma escrita tão próxima que sou capaz até mesmo de enxergar esse seu leve sorriso de um pássaro a bicar com avidez um pão doce... Pois, deixe, então, que eu te conte mais uma pequena história...

No segundo semestre de 2008 desenvolvi em companhia da Dani e da Mari – minhas amigas dentro e fora da Pedagogia – um Projeto Integrado sobre o escritor Monteiro Lobato. Bom, acho que aí cabe eu dizer no que consiste um Projeto dessa dimensão, né? Bem, ocorre que, se você é uma pessoa megalomaniaca como eu e a Dani, ficará até de madrugada pensando em atividades multidisciplinares sobre um autor que é lembrança viva de sua infância; implica também em ficar sonhando feito boba, ingênua – no sentido de idiota mesmo –, em se formar logo, ter uma classe só sua e desenvolver todas as vírgulas e alegrias de um Projeto; e quem disse que pára por aí? Como se não bastasse, ainda há a necessidade de prever, planejar e lidar com imprevistos, frustrações... É, trabalhar com Projetos Integrados exige tempo, dedicação e esforço, uma vez que eles possibilitam que a criança seja protagonista da própria aprendizagem ao elaborar, experimentar e construir certezas, propostas e inquietações... Afinal, são Projetos de Ensino articulados em torno de um tema central (SOLIGO, 2009).

Mas, lá fui eu discorrendo sobre a teoria, quando, talvez, se eu colocasse minhas experiências aqui trariam mais sentido. Afinal, concordo com Benjamin (1993) quando coloca que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1993, p. 201). Então, como eu ia dizendo, o tema do Projeto foi escolhido de supetão... Em uma conversa rápida, vimos que um ponto que nos unia era uma paixão – sim, paixão – pela literatura. E como nosso amor podia ser tão desprezado dentro das salas de aula em que fazíamos estágio? Por que as professoras não exploravam mais aquele vasto mundo de possibilidades?

Elencamos o autor Monteiro Lobato por sua escrita, pelo contato com os alunos através da série de televisão, por seu desdobramento em diversas obras, e,

claro, por gosto pessoal. Aliás acho que esse último ponto foi essencial para que nos envolvêssemos com o trabalho e buscássemos aprimorá-lo a cada instante.

A atividade de lançamento – aqui entenda que concordo com Soligo (2009) essa atividade é “um momento essencial porque é a primeira oportunidade de ‘sedução’ das crianças para o trabalho a ser desenvolvido” (SOLIGO, 2009, p. 98) – na classe foi a leitura do primeiro capítulo do *O Picapau Amarelo* (LOBATO, 2005). Lá na frente com todos aqueles olhos de crianças de primeiro ano que me viram sentar três vezes por semana nas últimas cadeiras da sala de aula... Li um parágrafo... Outro... E, bom, nem todos prestavam atenção... Tá, praticamente nenhum aluno olhava para mim. Enquanto eu lia, pensava “será que é a linguagem? Ou seria a falta de figuras, afinal eles tem seis, no máximo sete anos qual zona de desenvolvimento estariam segundo os estudos de Piaget? Mas... E seu eu começar a trocar as palavras que acho que não conhecem por sinônimos? Calma, foi justamente pela linguagem rebuscada que optamos por não utilizar adaptações!!! E a professora Vanderci? O que pensará de mim? Como consegui criticá-la em suas leituras se estou fazendo a mesma coisa? Nossa... o capítulo já está acabando!!!”.

“(...) Ao se recolherem, até a Emília e o Visconde beijaram a mão de Dona Benta, dizendo com a maior naturalidade: ‘Sua bênção, vovó’” (LOBATO, 2005, p. 8). Não sei se foi minha memória que me pregou uma peça ou se aconteceu de verdade, mas quando terminei a leitura só faltou as crianças bocejarem. Bem, meio sem graça, iniciei uma conversa, falamos sobre cartas e propus que escrevessem uma correspondência para o personagem do Sítio de que mais gostavam. Nessa hora, não sei se a turma entrou em rebuliço com a minha promessa de que enviaria todas as cartas ao pessoal do livro ou se foi porque comecei a entregar o material e eles quase não tinham contato com envelopes e esse gênero de escrita.

Bom, saiba você, leitor, que aquela minha frustração inicial foi embora em poucos instantes! “Posso escrever para a Branca de Neve?”, “tia, você também entrega uma carta para os Power Rangers?”, “mas como você vai mandar? A televisão é muito pequena para passar o envelope!”... Eram aquelas legítimas falas de crianças que em sua visão de mundo sempre tendem a ampliar ideias de adultos como eu...

Mas, quando eu iria imaginar que aquela atividade seria o que marcaria meus dias na escola? O Visconde de Sabugosa, a Emília, a Narizinho, o Pedrinho, a Cuca, o Saci, a Branca de Neve... Todos respondiam as cartas. Cada personagem com

sua letra e cor de canetas próprias que os diferenciava, estabeleceram laço e contato com aqueles meninos e meninas. Aposto que o próprio Monteiro Lobato, tão solícito às correspondências de crianças, daria risada e pulinhos de alegria ao ler que Rillary dera seu endereço para que o Saci fosse visitá-la, que José Carlos passara a pegar livros do Monteiro Lobato na biblioteca ou que as gêmeas, Roberta e Rafaela, saíram correndo para contar à mãe que haviam recebido uma carta da Emília.

Ah, elas mal sabiam o quanto eu e a Dani aguardávamos suas cartas... Com um misto de imaginação, direcionamento e responsabilidades, escrevíamos, envelopávamos e desenhávamos... Agora percebo que éramos tão crianças quanto elas!

Fiquei mais de um mês lendo e retornando aquelas produções. Não eram todos os alunos que escreviam. Não achei de bom tom reservar um dia por semana com a professora Vanderci somente para instigar a imaginação dos pequenos, afinal havia muito conteúdo, muitas atividades e, além disso, a turma, infelizmente, não me pertencia... Mesmo com o processo de troca de cartas sendo realizado em paralelo com as aulas, cada dia mais crianças queriam escrever, contar quem eram, do que gostavam. E o meu trabalho crescia junto com o apreço.

E foi mais ou menos assim que descobri qual seria meu tema para o Trabalho de Conclusão de Curso: a troca de cartas dentro da sala de aula. Bem, leitor, na verdade a minha proposta inicial era desenvolver uma pesquisa sobre bullying... E explico o porquê... Quando eu cursava o Ensino Fundamental fui vítima desse tipo de agressão verbal, como já comentei sucintamente. O motivo? Nunca soube, apesar de, na época, ter tentado de todas as formas estabelecer diálogo com os tais valentões... Hoje penso que esse processo serviu para que eu amadurecesse bastante e me tornasse mais sensível frente à algumas brincadeiras que vejo dentro da escola...

Sei, leitor, que minhas memórias não mudaram e acredito que o meu tema inicial foi apenas moldado porque, de uma forma ou outra, abordarei a questão do respeito, da identidade e do diálogo. Assim, penso que encontrei um ponto de intersecção entre minhas experiências enquanto a aluna que fui, a professora em formação que sou e a minha paixão pelas letras, leitura e produções escritas.

Será que fui clara o bastante para contextualizar quem sou e por que estou aqui? Será que agora tenho um passaporte livre para continuar a contar minha história? Se me permite, caro leitor, continuarei me escrevendo à você.

Com carinho,
Patrícia

**Carta II: PREZADO LEITOR,
faço um esboço de tudo**

Campinas, primeira semana de fevereiro de 2010

Prezado Leitor,

É com muita alegria que volto a te escrever... Sinto como se eu tivesse ganhado um novo amigo e, por isso, é meu dever olhar e me preocupar com você, leitor. Então, como tem passado? Como está a sua família? Achou muito invasivo a forma como te abordei na carta passada? Fale, escreva e sinta **tudo**, leitor. Afinal, amizade serve para isso mesmo...

E, se me permite mais um atrevimento, gostaria de fazer um esboço do que pretendo escrever em uma série de cartas destinadas a você... Nelas contarei as várias histórias que entremearam a experiência que tive em acompanhar e propor à Turma do Garfield, uma classe de 5º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Campinas, a troca de correspondências.

Assim, é preciso que você saiba que essa experiência constituiu uma pesquisa (lá na faculdade falamos **muito** em pesquisa) que teve como objetivo geral possibilitar situações em que os alunos escrevessem cartas, e como objetivos específicos: observar e analisar situações em que os sujeitos escrevessem cartas que podiam vir a ter caráter reflexivo; investigar as possíveis construções singulares que cada criança fez ao expressar-se por meio das cartas; e compreender a suposta dinâmica relacional inscrita nas cartas. Mas, é como o Guilherme, meu querido orientador, comentou outro dia comigo: o objetivo da minha pesquisa só se constitui em um objetivo quando é colocado diante dos específicos... Interessante, não?

Pois então, para que fosse possível formular esses objetivos, pensamos em algumas hipóteses como: os alunos se relacionam de maneira assimétrica; a escrita auxilia no processo reflexivo; e as cartas se configuraram como uma nova estratégia para uma reflexão...

Dessa forma, leitor, após todos traçar todas essas linhas, para que eu pudesse realizar minha pesquisa, tive que entender que a investigação qualitativa seria a que melhor delimitaria o meu projeto com as cartas, já que, de acordo com Bodgan & Biklen (1997), tem como fonte direta de dados o ambiente natural, apesar

de descritiva, preocupa-se mais com o processo que com o produto, além de carregando o significado como fator principal.

Então, lembro quando conversei com o Guilherme (sim, ele de novo!) e estabelecemos como método o estudo de caso, uma vez que apostamos que a observação dos alunos e da professora na sala de aula sem o isolamento de variáveis seria a melhor maneira de entender a dinâmica da turma, suas relações interpessoais, bem como as reações manifestadas a partir da escrita de cartas.

Dessa forma, durante o ano de 2009 acompanhei as aulas da também querida professora Tamara – a docente responsável pela Turma do Garfield –. Aqui preciso contar, leitor, que no início realizei visitas semanais a fim de tentar compreender a tal dinâmica da classe, entretanto, logo percebi que apenas um dia pela semana de contato com aquelas crianças não seria suficiente para que eu recolhesse dados possíveis de serem escritos nas cartas como eu pretendia... Sendo assim, no início de agosto, passei a acompanhar as aulas, passeios, recreios, broncas e elogios daquela turma duas vezes por semana...

E, claro, para que todas as vozes, olhares e sentidos ficassem registrados como forma de coleta de dados, também usei as notas de campo... Assim, foi possível descrever e desenhar uma imagem das crianças, dos objetos, dos espaços, acontecimentos, atividades, conversas, bem como registrar minhas ideias, estratégias, reflexões e palpites no que se referiu tanto as relações interpessoais daquela classe, como também ao movimento com as cartas.

Além disso, prezado leitor, a fim de que eu atingisse meus objetivos, busquei auxílio da professora Tamara em uma entrevista aberta de caráter exploratório gravada em dezembro de 2009. Nessa entrevista – que mais se assemelhou a uma conversa entre duas pessoas que se gostam muito – procurei compreender as cartas das crianças e suas relações através de um outro olhar que também estava presente nos momentos de troca de correspondências...

E, bom, eu lembro que já te escrevi na carta passada que sou um tanto megalomaniaca... Portanto, não se assuste, mas preciso dizer que pretendo ter ainda uma segunda entrevista com a professora Tamara! Só que desta vez ela será estruturada para que seja possível direcionar as respostas e constatar se as hipóteses que já te escrevi se confirmam ou não a ponto de se fazerem atingir os objetivos propostos.

Bom, eu escrevi, escrevi e escrevi sobre a metodologia que utilizei nesses meus caminhos, mas pouco te contei sobre o meu objeto de análise propriamente dito, não, leitor? As cartas das crianças! Ah, meu caro, recebi tantos escritos lindos, cada construção... Você precisa ler as palavras escolhidas por aqueles meninos e meninas... Só de pensar em tudo isso fico com vontade de chorar, assim como a professora Tamara (é, ela sempre me dizia isso). Acho que o que nos emociona (eu, a Tamara e o Guilherme) é que essa experiência vivificou o que Larrosa (2001) maravilhosamente escreveu: “a criança expõe-se completamente ao nosso olhar, se oferece absolutamente às nossas mãos e se submete, sem resistência, para que a cubramos com nossas ideias, nossos sonhos e nossos delírios” (LARROSA, 2001, p.187).

Veja você, que a partir de um delírio meu (o projeto com as cartas) recebi 72 correspondências que me deram o dobro de prazer ao serem lidas... Mas, leitor, eu entendia também que “a análise envolve o trabalho com dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (BODGAN & BIKLEN, 1997, p. 205)... E, se eu fosse me contar através de todas aquelas cartas, eu teria que ficar muito mais que um ano e meio escrevendo, lendo e analisando... Sabe, eu não me importaria, mas o tempo urge e eu realmente preciso terminar meu curso de graduação o quanto antes... Ainda tenho muitas ideias, sonhos e delírios para realizar...

Por isso, infelizmente tive que, a partir da leitura e entendimento dos estudos de Bakhtin (2003) e Geraldí (1997), escolher as cartas de apenas cinco crianças (o Danilo, a Renata, a Tuani, o Gustavo e o Manoel) que acreditei que iriam melhor ilustrar o movimento de escrita de correspondências naquela classe... Eu sei que é uma pena, leitor, mas eu te garanto que escolhi os alunos cujas correspondências foram mais significativas para que eu pudesse pensar em minhas próprias considerações... (Mas não se preocupe, darei um jeito de te contar também sobre parte das correspondências do restante daquelas crianças...)

Veja bem, depois de tudo isso que eu escrevi, é preciso que eu diga quais são as minhas intenções nessa tal série de cartas que enviarei para você, leitor... Ou melhor, é imprescindível que eu esboce o possível caminho que farei ao contar as minhas experiências com o uso da correspondência na sala de aula. Por isso, preste muita atenção agora, tá?

Bom, pretendo escrever-lhe a Carta III: ESTIMADO LEITOR em que discorrerei sobre tudo o que aprendi acerca dos gêneros do discurso, fazendo, claro, um diálogo especial com o gênero que mais gosto no momento: as cartas.

Na correspondência seguinte, na Carta IV: MEU LEITOR farei uma breve contextualização da sala da Turma do Garfield que acompanhei durante todo o ano de 2009, dando imagem e voz aquelas crianças que me foram e são tão caras.

Na Carta V: QUERIDO LEITOR contarei sobre a maravilhosa prática pedagógica da professora Tamara, o uso que ela fazia dos diferentes gêneros do discurso e como tais elementos auxiliaram na construção do trabalho com as cartas...

A Carta VI: QUERIDO AMIGO LEITOR, CARO LEITOR AMIGO dará início a uma série de outras quatro correspondências que contam e narram, a partir do olhar atento aos objetivos que nortearam essa pesquisa a escrita, as cartas, relações e histórias das cinco crianças que escolhi. Assim, a Carta VI trás o estilo e a autoria de Danilo, um aluno que eu, a princípio, não enxergava na classe, pois se sempre se mostrava longe de mim... Mas que foi capaz de visualizar nas cartas um espaço para encurtar essa distância.

Na Carta VII: CARO LEITOR escreverei sobre o Gustavo, uma criança que passou o ano inteiro sem conversar pessoalmente comigo, mas, em contrapartida, escrevia-me cartas com marcas de afetividade, além de me contar muito sobre si mesmo para que eu pudesse ter o prazer de conhecê-lo de outra forma.

A Carta VIII: ALÔ, LEITOR terá esse nome engraçado, porque eu precisarei ser rápida e dinâmica para contar sobre a escrita e a minha relação com Manoel. O menino, como você irá descobrir, pensava muito mais rápido do que conseguia se expressar e, por isso, acabava todo atrapalhado. Além disso, ele era relutante em responder as minhas cartas, mas passou a escrever-me quando eu mudei meu olhar e minha prática e comecei a enviar correspondências com assuntos que lhe chamavam a atenção.

Já na Carta IX: AMIGO LEITOR escreverei sobre meu encanto com as cartas de Renata, já que todos os escritos da menina abordaram intensamente o seu eu, sua relação comigo e com outros colegas da classe...

A Carta X: LEITOR trará os elementos que visualizei nas cartas de Tuani, a menina que me acolheu desde o começo na Turma do Garfield. Para essa correspondência, leitor, pedirei a sua ajuda, pois não estou tão certa de que a aluna

transcendeu as respostas rápidas que escreveu a ponto de me mostrar sua história e relações... Vamos descobrir juntos...

Por fim, na Carta XII: MUITO QUERIDO LEITOR, trarei as lições que aprendi com a experiência de troca de cartas, relacionando, veja que feliz ideia a minha, as queridas cinco crianças com as outras tantas que davam voz à Turma do Garfield. O que acha?

As duas últimas cartas fecharão toda essa minha correspondência com você, leitor. Pretendo, então, escrever a Carta XII: MEUS QUERIDOS E MINHAS QUERIDAS em que agradecerei às grandes pessoas que estiveram ao meu lado durante todo esse percurso de escrita, e a Carta XIII: AOS INTERESSADOS que constará toda e qualquer referência que eu, porventura, utilizarei em meus escritos

Bem, prezado leitor, acho que é isso que eu tinha a te escrever dessa vez. Espero que possamos aprofundar nossos laços através de todas essas epístolas que estou disposta a te enviar. Escreva-me sempre que tiver vontade também, pois as cartas não se fazem sozinhas, sempre remetem-se e destinam-se de alguém, para outro alguém.

Sinceramente,
Patrícia.

**Carta III: ESTIMADO LEITOR,
escrevo sobre os gêneros do discurso e me fascino com as cartas**

Campinas, quase fevereiro de 2010

Estimado Leitor,

Escrevo do meu quarto (seria tão mais chique se eu estivesse escrevendo de Dublin, de Londres ou Nova Iorque... Mas, não. Estou **realmente** no meu quarto)... Pela janela consigo enxergar dezenas de prédios, um maior que o outro... (se é assim, por que o meu é tão pequeno?)... Sabe, o que eu mais gosto da vista daqui é que às terças-feiras pela manhã, no último andar de um prédio marrom, um rapaz abre uma maca na sacada e recebe um massagista. Acho engraçado essa coisa toda, afinal, ele, sim, poderia estar em Dublin, Londres ou onde quer que seja... Eu, sequer tenho uma sacada!!!

Mas, não pense você, leitor, que estou a reclamar da vida... Saiba que guardo comigo dezenas, centenas, MILHÕES de felicidadeszinhas...

Pois então, já sei, hoje vou pegar papel e caneta (acho que **um** papel e **uma** caneta não serão suficientes) para começar a escrever sobre uma delas... As cartas! É, é isso mesmo, leitor, esqueça a imagem do meu vizinho de braços sob a maca, porque hoje você vai conhecer tudo (tintim por tintim mesmo) sobre essa maravilhosa experiência que é a escrita de cartas...

Bem, antes de qualquer coisa, pense, leitor, nas seguintes cenas: uma aula de matemática para alunos do 2º ano; uma senhora de cabelos grisalhos comprando pão assim que a padaria abriu; um garçom de um bar em uma noite movimentada; uma menina de vestido florido lendo um livro grosso no banco da praça...

Você concorda comigo que todas essas imagens relacionam-se intimamente com o uso da língua como forma de comunicação? Bem, nesse sentido, considerando ainda a perspectiva histórico-cultural defendida por Vygotsky (1994), que parte do princípio de que o desenvolvimento dos sujeitos ocorre a partir das relações com aqueles que o cercam, uma vez que se apropriam de práticas culturalmente estabelecidas, a interação social torna-se o centro do processo de construção de conhecimento, certo?

E é assim que Dolz & Schneuwly (2004) entendem que a linguagem, em suas múltiplas dimensões, instaura-se como um instrumento fundamental para consolidar e transformar o contexto social das experiências humanas em mecanismos de construção interna do sujeito a partir de suas variáveis cognitivas, lingüísticas e sociais. Dessa forma, ao ativar essas

práticas de linguagem, em uma situação de comunicação, os sujeitos tomam consciência das particularidades desse funcionamento, a partir de um conjunto de ações, que consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar (um conjunto de) enunciados orais ou escritos (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 74).

Pois então, sobre o uso desses modos de se comunicar, Bakhtin (2006) escreveu que “efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (BAKHTIN, 2006, p.262). Considerando, então, que os enunciados são, conforme consta em nota de rodapé como os “atos de enunciar, exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras” (BAKHTIN, 2006, p.262); e que esses campos são lugares, espaços de comunicação que, quando não são analisadas isoladamente, constroem enunciados relativamente estáveis, temos o que Bakhtin (2006) chamou de gêneros do discurso.

Os tais gêneros, conforme colocaram Dolz & Schneuwly (2004), podem ser entendidos como instrumentos de uso da linguagem e que, segundo Bakhtin (2006) possuem três características: os conteúdos que são dizíveis através dele; o estilo verbal, ou seja, a seleção que tal gênero autoriza fazer entre os vários recursos que a língua oferece; e a construção composicional, que nada mais é que a estrutura comunicativa que apresentam os textos pertencentes àquele gênero (CUNHA, 2005).

Bom, pense agora, leitor, não nas quatro cenas que te descrevi lá em cima, mas em **todas** as situações em que você se comunica de alguma forma... Conseguiu? Eu vou ser bem sincera: passaria horas e horas tentando lembrar de todas, mas no final eu sei que não conseguiria pensar em nem metade das imagens... Bem, onde eu quero chegar com isso? Quero recontar o que Bakhtin (2006) já escreveu que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2006, p. 262).

Entendeu? Agora, por que Bakhtin afirmou que os campos de comunicação ficam mais complexos? Veja bem, imagine um romance, uma poesia, um teatro e um artigo científico... Todas essas formas de expressão podem englobar os enunciados de outros gêneros, não? São os chamados gêneros secundários que

surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2006, p. 263).

Agora, o que seriam os gêneros primários? Eles são, segundo Bakhtin (2006), como a réplica do diálogo ou mesmo as cartas por constituírem uma comunicação verbal espontânea. Assim, esses gêneros “se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2006, p. 263).

Ou seja, leia como exemplo o diálogo abaixo retirado de uma crônica do Fernando Sabino (2007):

- Me mandaram fazer com você uma entrevista sobre o marquês – e ela foi ligando logo o gravador.
- Que marquês? – estranhei.
- Esse que vocês editaram.
- Não editamos nenhum marquês, que eu saiba.
- O autor desse best-seller de vocês, Cem Anos de Perdão.
- De solidão.
- Ou isso: de solidão. Ele não é marquês?
- Não. Ele não é marquês. O nome dele é Gabriel García MÁRQUEZ. Com z no fim. Se duvidar, é capaz de ter até acento no a (SABINO, 2007, p. 216).

O diálogo foi escrito dentro da crônica mantendo a forma e o significado cotidianos (os enunciados) apenas no campo dessa crônica... Cunha (2005) coloca que, geralmente, as produções escritas pertencem aos gêneros secundários e as orais aos primários... Porque é como colocou Vygotsky (1994) sobre o uso da linguagem escrita:

É desenvolvida em toda a sua plenitude, é mais completa que a linguagem oral. A fala interior é quase que inteiramente predicativa, porque a situação, o objeto do pensamento, é sempre conhecida por aquele que pensa. A escrita, ao contrário, tem que explicar plenamente a situação para que se torne inteligível. A passagem da fala interior, extremamente compacta, para a escrita, extremamente detalhada, exige o que se poderia chamar de semântica deliberada – a estruturação intencional da teia do significado (VYGOTSKY, 1994, p. 86).

Com isso a prática de escrita possibilita, entre outras coisas, que o escritor transforme em palavras os gestos, as entonações, as pausas e as expressões faciais que, na oralidade, funcionam como instrumento do que se quer falar, em suas múltiplas intencionalidades. Assim sendo, Luria (1994) dialoga com Vygotsky (1994) e defende que a linguagem escrita imprime um salto qualitativo no desenvolvimento humano, promovendo formas mais complexas de elaboração do pensamento, uma vez que produz um estranhamento e distanciamento da situação real, exigindo uma reflexão mais elaborada daquilo que se pretende dizer.

Sendo assim, as cartas seriam gêneros primários ou secundários??? (Lembre-se, leitor, que o próprio Bakhtin coloca as epístolas como gênero primário)...

Para responder essa pergunta, leitor, recorro à escrita de Cunha (2005) que coloca:

A carta pode ser um bom exemplo desse sistema contínuo de situações discursivas, que transita da comunicação mais espontânea à mais elaborada, estabelecida por Bakhtin, pois tal gênero abrange desde as cartas pessoais – mais próximas de um diálogo do dia-a-dia - até os romances epistolares. Neste último caso, a carta – como gênero primário - é absorvida e transmutada no interior do romance, tornando-se um gênero secundário (CUNHA, 2005, p. 31).

Veja se não é mesmo um gênero encantador?

E, é por isso que tomo emprestado de Bakhtin (2006) uma brilhante citação: “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2006, p. 265), porque, considerando que esse “concreto” refere-se ao material lingüístico: a história da língua, a gramática... Então, me responda, leitor, o que é a carta senão um enunciado concreto e único? É um tipo relativamente estável de enunciado? Observe, meu caro, que as epístolas são tão estáveis que é

difícil encontrarmos alguma sem algum dos itens que a tornam de fato uma carta: o cabeçalho, o vocativo e a saudação, o conteúdo, a despedida e a assinatura.

Entenda, leitor, que não quero dizer que uma epístola que não contenha alguma das estruturas acima, não seja de fato uma carta, tanto é que confesso que recebi (e já mandei também, por que não?) algumas sem, por exemplo, o cabeçalho (sobre elas te escrevo em outra oportunidade)... O que quero que compreenda é que essa é uma questão maravilhosa trabalhada sob o nome de **estilo!** Assim, como escreveu Bakhtin (2006) – sim, ele de novo –:

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual (BAKHTIN, 2006, p.265).

Agora, leitor, veja o quão encantadora uma carta pode ser considerando essa questão do estilo individual:

Uma vez que se trata de um diálogo à distância com um receptor conhecido, opta-se por um estilo espontâneo e informal, que deixa transparecer marcas da oralidade: frases inconclusas, nas quais as reticências habilitam múltiplas interpretações do receptor na tentativa de concluí-las; perguntas que procuram suas respostas nos destinatários; perguntas que encerram em si suas próprias respostas (perguntas retóricas); pontos de exclamação que expressam a ênfase que o emissor dá a determinadas expressões que refletem suas alegrias, suas preocupações, suas dúvidas (KAUFMAN & RODRIGUEZ, 1995, p. 38).

Assim, entenda, meu leitor, que o estilo presente nas cartas está intimamente ligado tanto às unidades temáticas, quanto às unidades composicionais (Bakhtin, 2006) – que nada mais são que a estruturação, o tipo de relação entre o remetente e o destinatário, entre o discurso do outro, etc. – e, por isso,

a carta é um gênero democrático. Flexível. Generoso. Quando somos nós a escrever, ela nos permite compartilhar, lamentar, aconselhar, informar, pedir ajuda... Quando somos nós os destinatários, recebemos tudo isso substantivamente (SOLIGO, 2005, p. 349).

Nessa direção, Foucault (2006) também coloca que

a correspondência (...) é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro:

ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física (FOUCAULT, 2006, p. 149-150).

Ficou claro, meu caro, que o remetente **precisa se fazer entender** para o seu destinatário? Pois então, esse movimento recebe o nome de autoria – que Ferriolli (2008) descreve tão bem:

Autoria, portanto, refere-se à possibilidade do sujeito “costurar” (...) o seu texto de forma a cozer os rasgos ou lacunas que se apresentam, da mesma forma, o autor ao selecionar um significante para a sua “costura”, procura aquele que se harmonizará com os demais, a fim de obter um texto coerente e compreensível para o leitor (FERRIOLLI, 2008, p. 48).

E é nessa costura que o remetente, o autor, o escritor, pode se apropriar, veja só, da escrita, da fala, da voz do outro, do destinatário, de alguém próximo, pois

muitas vezes, o ato de escrever e/ou reescrever pode acontecer ao recortarmos palavras alheias e trazermos para outro contexto e as mesmas palavras passam a ter significados outros ou utilizamos as palavras alheias quando não encontramos palavras nossas para dizermos as coisas que gostaríamos de dizer (SANTOS, 2005, p. 225).

Diga-me, leitor, quantas vezes você não se pegou falando uma expressão, repetindo um trejeito ou algo assim de um amigo querido? – Eu devo confessar que faço isso direto! – E o mesmo acontece na escrita quando há identificação e apropriação de algum termo, uma expressãozinha... Assim, é imprescindível concordar (e, diga-se de passagem, quase chorar de emoção) com a Coracini (2008):

O escritor é sua escrit(ur)a; somos produzidos na e pela escrit(ur)a – ou, melhor dizendo, pelo discurso – que vem de mim e do outro –, na medida em que apenas este nos confere um lugar, posições-sujeito, uma identidade, ainda que efêmera, ainda que sempre em mudança, mudança que vem do outro e que se faz verdade em mim, no arquivo – sem lugar – do inconsciente, no arquivo das obras que damos a conhecer, obras-livros, obras-textos, mas também em obras-ações, obras-attitudes, obras-comportamento (CORACINI, 2008, p. 185).

Assim, o remetente questiona, opina, estabelece diálogos, enuncia e se relaciona de diversas maneiras com o destinatário. Então, sem dúvida alguma concordo com Geraldi (1997) quando coloca que “o outro é a medida: é para o outro

que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos na leitura. O outro insere-se já na produção, como condição necessária para que o texto exista” (GERALDI, 1997, p. 102). Dessa maneira,

escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o resto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (FOUCAULT, 2006, p. 150).

E é nesse face-a-face que o destinatário, e leitor, de uma carta é capaz de reconhecer quem lhe escreve, o remetente. O estilo, a caligrafia, a voz e sentido impregnados em cada correspondência constituem indícios e marcas de um remetente próximo, conhecido e, por que não, afetuoso (Será que você já consegue me enxergar em minha escrita, leitor?).

E é também nesse face-a-face que, novamente coloco que o remetente constituiu-se autor de sua escrita, de sua carta e, assim, dou continuidade a esse maravilhoso mundo das epístolas, das correspondências, das cartas que tanto me fascina justamente por **não** ser linear, previsível e enrijecida... Mas, sim, pessoal, única e, principalmente, construída numa relação entre o eu e o outro.

Assim, leitor, como forma de resumir o que escrevi até agora, tomo emprestado o que Geraldi (1997) colocou como necessário para a produção de um texto no contexto escolar e o transponho ao universo da escrita de cartas:

- a) Se tenha o que dizer;
- b) Se tenha uma razão para se dizer o que se tem a dizer;
- c) Se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) O locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) Se escolham estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (GERALDI, 1997, p. 137).

Bom, veja bem, meu caro, depois de pouco mais de seis páginas de escrita sobre as cartas, que são minhas **GRANDES** felicidadezinhas, fiquei ainda com mais vontade de te escrever sobre as epístolas que recebi no ano passado (era 2009, como o tempo passa rápido, não?). Então, é bom tom que eu envie o quanto antes a Carta IV e a Carta V conforme eu esbocei, não é mesmo? Está certo, farei isso...

Prometo que não gastarei mais meu tempo olhando meu vizinho do prédio da frente.
Prometo, prometo!

Um abraço cheio de grandes, pequenas
e médias felicidadezinhas,
Patrícia.

**Carta IV: CARÍSSIMO AMIGO LEITOR,
convido-o a entender o que vi e pensei acerca da sala de aula**

Campinas, tarde de março de 2010.

Caríssimo Amigo Leitor,

Depois que te enviei a carta passada, fiquei pensando sobre essa coisa te já te considerar um amigo, sabe? Será que sou muito apressada? Mas, veja bem, alguém que me lê desde o começo, que conheceu minha trajetória acadêmica, que persistiu em entender minhas felicidades e fascínios ante os gêneros do discurso e as cartas, só pode *mesmo* ser meu amigo! Sendo assim, convido-o agora a entender como conheci a turma do Garfield e a professora Tamara que tanto ajudou em minha pesquisa dando forma e cor às minhas ideias...

Pois bem, quando parti do pressuposto de que a carta poderia vir a ser um instrumento capaz de auxiliar o diálogo em sala de aula, senti a necessidade de buscar uma classe que tivesse as relações interpessoais comprometidas com, por exemplo, falta de respeito, indisciplina e ausência de unidade no grupo. Confesso que achei que não teria dificuldades em encontrar uma classe que correspondesse a tais expectativas, mas eu havia me esquecido de um ponto crucial: a professora. Eu precisava encontrar uma docente que estivesse aberta a novas experiências e, tanto eu quanto você, sabemos bem que não é tão fácil assim.

Mas qual não foi a minha sorte quando o Guilherme me apresentou à professora Tamara no final de 2008. (Hoje, penso que parceria melhor não poderia ser feita). Tamara era doutoranda em educação e professora titular nas redes municipal e estadual de Ensino Fundamental. E como se não bastasse, me acolheu com um imenso carinho disponibilizando suas duas salas – um 2º ano da rede estadual e um 5º ano da rede municipal – para que fosse desenvolvido meu projeto. A professora, por característica própria e influência do grupo de pesquisa – que, por sinal, era o mesmo que meu projeto fazia parte: o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (tal qual, GEPEC) –, entendia que:

A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...). a experiência direta é sem dúvida, o melhor

Que sorte a minha, não?

Você, agora, pode imaginar o quão feliz eu fiquei quando, em um e-mail, Tamara escreveu que a primeira era uma classe tranquila em que os alunos tinham muita vontade de aprender a ler e escrever, já a segunda turma era considerada indisciplinada e que não havia respeito seja ele com a professora ou com os colegas. Minha busca por um ambiente de pesquisa havia terminado e nem fora tão árdua quanto eu havia pensado.

Agora, meu amigo, você conhece como e por quê passei a acompanhar as aulas da Turma do Garfield, no 5º ano D... Uma sala **bem** heterogênea em sua forma de pensar e agir... (E, diga-se de passagem, ainda bem, senão eu não poderia ter desenvolvido com tamanha riqueza meu projeto com as cartas!)

Que saudades sinto de todos ali. Sou capaz de suspirar um bocado ao lembrar de algumas das várias passagens marcantes...

Mas, pois bem, preciso me concentrar e ter ao menos a dignidade de terminar de escrever essa carta sem suspirar tanto. Perdoe-me a emoção em demasia, mas sinto sempre a necessidade de contar como a experiência naquela sala foi importante para a minha formação. Foram tantas as ideias, conversas e relações que parece estranho reler minha narrativa sobre o primeiro dia que apareci na classe já era quase começo de abril de 2009... Aliás, peço desculpas ao leitor, mas realmente preciso transcrever as anotações de meu caderno aqui. Entenda que, na época em que foram escritas, as próximas palavras já pensavam que serviriam de recheio para a carta de alguém. Melhor não contradizê-las, não acha?

O primeiro é sempre inovador. Seja um dente de leite que cai, o cachorro que nasce, o primeiro namorado, a mudança de casa, a viagem sem os pais, o presente de dia dos professores. Hoje não foi diferente. Meu primeiro dia nessa nova escola. O que eu iria encontrar? Como seriam as crianças que Tamara havia comentado? Quantas seriam? Que perguntas fariam quando eu chegasse? Seus olhos vestiriam-se como curiosos, amedrontados ou com desdém?

Claro que eu tinha minhas suposições, meus receios e esperanças. Por já ter passado em frente à escola e ficado surpresa com sua grandiosidade, imaginei salas amplas, arejadas, muitos alunos, professoras e funcionários. Fiquei desejando que as crianças não fossem tão desobedientes como Tamara havia comentado e que também, besteira a minha, não fossem tão maiores que eu – me sentiria intimidada. Pensei, pensei e esperei para ver que a realidade não era tão distinta do que imaginei, que a escola é tão enorme quanto aparenta ser, que dispõe de um espaço físico invejável, que os alunos são desrespeitosos uns com os outros e tantos outros que's.

Quando entrei na sala os alunos me olhavam curiosos, sabidos. Alguns, logo de cara, mostraram como seria seu comportamento o resto do período. A professora me apresentou como uma estudante do curso de pedagogia que iria acompanhar as aulas durante o ano para desenvolver meu projeto de pesquisa. Não mencionou como seria o trabalho realizado, mas também nenhum aluno mobilizou-se o bastante para questionar – melhor que descubram mais tarde, pensei.

A primeira atividade foi a leitura de um livro. Já dispostos em grupos de quatro, foram poucos os que prestaram atenção. Aquilo que a princípio seria a leitura de dois capítulos do livro resultou na nem metade da proposta. Agitados – não sei se por mim ou pelo costume – as crianças não acompanharam o andamento.

O segundo tópico da rotina colocada na lousa era o 'conversando sobre direitos humanos e cidadania' em que, a priori, os alunos discutiriam sobre as reportagens de jornal que ficaram encarregados de trazer que retratassem algum direito desrespeitado. Poucos lembraram ou se esforçaram para tal, a maioria me pareceu acostumada a 'esquecer' (leia-se, não fazer) as lições de casa.

Mesmo assim a professora seguiu com sua proposta. Distribuiu notícias tiradas da internet de acordo com a compreensão do grupo para tal. Procurei ajudar no que fosse possível seja na leitura ou no apartar brigas. Engraçado que naquela sala a lei é do que grita mais alto e xinga mais engraçado. As quase quatro horas na sala foram suficientes para entender porque Tamara estava desmotivada nos e-mails.

No intervalo, quanta diferença com a escola que estagiei em que apenas uma sala saía para a merenda e era proibido barulho e correria. Quanto tempo demorei para me acostumar com a nova realidade em que todas as salas saem juntas e as professoras se revezam para cuidar das crianças?

De volta para a sala, quantos foram os grupos que continuaram seu trabalho? Fiquei acompanhando um grupo dominado pela preguiça: enquanto um escrevia, o outro brincava com a lapiseira e um terceiro ainda ia de um canto a outro da sala para pedir canetas coloridas emprestadas. Só consegui me perguntar 'isso é realmente um grupo?', sem lembrar que eu mesma demorei para aprender a trabalhar em equipe.

Foram tantas as novidades, tantos novos comportamentos, dinâmicas e relações que parecia que eu havia sido engolida por um furacão e no final da aula devolvida à realidade. Melo zonzas, milhares de perguntas brotavam em minha cabeça: como introduzir meu projeto nessa sala de aula? Como acalmar os ânimos dos alunos? Como trabalhar a questão do respeito? A professora Tamara comentou comigo sobre jogos ou teatro... Assim, como posso ajudá-la? Como trazer minhas experiências da faculdade para dentro da sala? Como não ser uma samambaia? Devo esperar mais para observar a dinâmica da sala antes de intervir com o projeto? Como estruturá-lo? Já posso desistir?

(Narrativa, 30 de março de 2009)

Como acredito que você é um bom leitor e observador, meu amigo, creio que a impressão que passei com minhas palavras não foi das melhores, não? E olha que os termos e expressões foram pipocando para fora de mim como se tivessem vida própria. Mas, para que você tenha ainda um outro olhar sobre aquela classe, eis o que a professora Tamara me contou:

É um grupo, eu acho que eles viveram experiências muito difíceis na escola, e essa coisa do rótulo, dessa coisa que eles não produzem.(...) No ano passado era basicamente a mesma sala, eram duas professoras que elas trabalhavam por área e aí aquela turma, a minha turma era duas salas. Então eles pegaram os mais difíceis de turma e os mais difíceis da outra e juntaram, virou uma só. Daí tiraram os que tinha de 'bons', os que não davam trabalho e colocaram na outra sala, então assim foi uma sala dos alunos que ninguém queria trabalhar mesmo.(...) Foi uma sala difícil no ano anterior e eu não sei o que aconteceu, mas assim, era uma sala que ninguém apostava muito. O olhar que tinham para eles era esse: são alunos que não produzem nada, que são indisciplinados, que não querem nada com nada... Sendo que eles têm muito potencial. Tanto é que eu estava fechando a avaliação diagnóstica agora e vi que muitos foram bem, muitos ainda tem muita dificuldade mas ver o quanto eles melhoraram, assim, quanto que com ajuda eles fazem. Eles estão ainda naquela coisa de transição, naquela zona próxima que é muito real mesmo. Eles tem um potencial muito grande, muito grande, de poder avançar muito, todos eles... Em relação ao conteúdo mesmo, específico e tal só que eles precisam ser acolhidos, precisam de atenção.

(Tamara, Entrevista I, 2009)

E, sim, leitor, foi nessa classe que, conforme eu já escrevi na Carta II, acordei com a professora Tamara de que minhas visitas seriam semanais, mas em agosto

eu passei a ir à escola duas vezes por semana porque eu queria **realmente** fazer parte daquele universo... Seria um desafio e tanto.

Assim, tive por muitas vezes a visão daquela classe como um palco de muitos e muitos acontecimentos, já que diversas teias de relações eram feitas e refeitas a cada contato meu com as crianças. Dessa forma, leitor, acredito que, como coloca Araújo (2002), o cotidiano de uma escola nunca é unidimensional, tampouco estático, mas sim multidimensional, dinâmico e articulado com vários fatores que muitas vezes aparecem justapostos. Logo,

nela (sala de aula) existe um ou mais professores, com formações diferentes, com distintas maneiras de ver a vida e a escola; trazem sua própria bagagem histórica pessoal, cultural e familiar; possuem personalidades individuais, com seus sentimentos e desejos; dominam um determinado conteúdo que lhes cabe ensinar. (...) esse(s) ser(es) humano(s) divide(m) o espaço da sala de aula com vinte a quarenta alunos e alunas que, por sua vez, também têm sua forma de ver a vida e a escola (ARAÚJO, 2002, p. 14-15).

Dessa maneira, caro leitor, era possível prever uma série de conflitos imbricados dentro do espaço daquela sala de aula que podiam ser notados em diversas formas como indisciplina, desrespeito, gritaria e falta de atenção. Assim, segundo Araújo (1999), o respeito é construído nos moldes da admiração dos valores e atitudes do outro ou estabelecido como auto-respeito, uma vez que parte de experiências tanto de relacionamentos interpessoais quanto de reflexões intrapessoais.

Mas, como poderia dar certo a minha ideia de fazer da escrita de cartas um espaço de diálogo a fim de conhecer melhor aquelas crianças se eu sequer sabia quantas eram? No início do ano, a professora Tamara tinha uma lista com o nome de 27 alunos, mas eram tantas faltas, mudanças de turma e de escola que era muito difícil dizer qual era o número exato. O que sei é que no final do ano eram 21 meninos e meninas assíduos nas aulas. Uma diferença enorme, não?

E foi a partir dessa diferença que entendi que o diálogo constituinte das relações humanas é construído a partir do momento em que o sujeito se abre ao mundo e aos outros, gerando compromisso com o outro através da dignidade de sua existência e de sua ação respeitosa (FREIRE, 1996), uma vez que recebi um total (já disse isso) de 72 cartas extremamente diferentes umas das outras, mas que se relacionavam facilmente a cada uma daquelas crianças... Crianças que também

eram diferentes entre si: que muitas vezes traziam essas diferenças em forma de conflito, mas que não deixaram em momento algum de serem autoras de seus próprios escritos, remetentes de minhas cartas com, muitas vezes, estilos próprios de escrita, e, outras tantas vezes, com apropriações claras de minhas palavras... Crianças que, sobretudo, não deixaram em hipótese alguma durante todo aquele ano, de serem exatamente isso: crianças.

Um abraço saudososo ao mais novo amigo,
da Patrícia.

Carta V: QUERIDO LEITOR,
das práticas da professora Tamara e das minhas intervenções na sala de aula

Campinas, outra tarde (abafada) qualquer de março de 2010

Querido Leitor,

Como tem passado? Preciso confessar que esses dias quentes me deixam em constante mau humor. Mas nada como escrever sobre o que se gosta e a quem se gosta para espantar a chateação e ocupar a cabeça com coisas boas. Claro que, no caso, funcionaria melhor se eu me levantasse e fosse comprar um sorvete, mas a preguiça é grande e você, apostado, quer saber como se deu o projeto das cartas em meio aquela realidade um tanto caótica que contei na epístola passada. Mas, caso queira, sinta-se à vontade para dar uma pausa na leitura e comprar você o tal sorvete. Apenas peço para que evite sujar as páginas dessa correspondência porque, boto fé, que será uma das melhores até agora.

Pois bem, acostumada a apresentar diferentes gêneros textuais para os alunos, a professora Tamara **sempre** (destacadinho assim para não dar margem a nenhuma interpretação errônea) iniciou suas aulas com a leitura de um livro. Não sei quanto a você, leitor, mas tanto eu quanto ela concordamos com Dolz & Schneuwly (2004) quando escreveram que ao passarem de instrumento de comunicação para objeto de ensino e de aprendizagem, os gêneros do discurso dão base para que a escola seja um autêntico espaço de interações comunicativas, e as situações escolares, como ocasiões de produção e de recepção de textos. Mas, se esses gêneros forem tratados de maneira desarticulada com contexto e comunicação, funcionando apenas em prol da objetivação, tomam-se mera forma linguística carentes de sentido, cujo objetivo é unicamente seu domínio, não é mesmo?

Então, é preciso fazer com que o aluno entenda que o gênero trabalhado na escola é sempre uma “variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é precisamente este” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 81)... E era justamente tal compreensão que a professora Tamara buscava com a leitura diária.

Assim, antes mesmo da minha primeira visita à classe, ela já havia lido para os alunos o livro *As Cartas de Ronrroso* (ORAM, 2008) cuja trama atravessava a

história de Hilda Bruxilda, uma bruxa que não queria ser bruxa e por isso recebe a visita do gato Ronroso Seramago de Bragança B que, por sua vez, passa a escrever cartas para o tal tio Mc Abro pedindo ajuda, conselhos e poções...

Assim, eu esperava que todos tivessem ao menos uma noção de que tipo de escrita está presente em uma correspondência pessoal. Então, precisávamos de uma atividade de lançamento (lembra? Escrevi um pouquinho sobre isso na Carta I), alguma proposta para que aquelas crianças colocassem em prática o que aprenderam da leitura, mas, desesperada eu não conseguia pensar em nada que projetasse tais conhecimentos a não ser uma intervenção minha ou da Tamara (é, às vezes me pego chamando-a somente pelo nome assim mesmo porque, veja só, viramos amigas e eu não sei separar as múltiplas facetas que constroem alguém. Será que é possível?) com uma carta recheada de perguntas para que eles respondessem... Eu já estava um tanto angustiada, quando eis que a professora no começo do mês de abril propôs que os alunos do 5º ano escrevessem para seus outros alunos do 2º ano.

Acho que não preciso dizer o quanto fiquei feliz e empolgada com aquela ideia, não? Talvez você esteja puxando pela memória onde mesmo que foi que você leu sobre a troca de correspondências... Acertei? Pois deixe que eu o ajude: Pedagogia Freinet. Ainda parece um pouco vago? Bem, o que interessa saber de fato é que de acordo com essa linha de ensino a troca de cartas entre classes

oferece ao aluno a oportunidade de, por meio da escrita, numa situação autêntica da comunicação, estabelecer contato com alunos de outra escola, de outra cidade, de outro país e, conseqüentemente, com outros valores, outras realidades, outros modos de vida, outras formas de ver o mundo (SANTOS, 1993, p. 92).

Dessa maneira, a professora Tamara propôs que seus alunos da rede municipal (que na linguagem descompromissada do dia-a-dia eram conhecidos como os “grandes”, os “maiores” ou ainda como a “Turma do Garfield”) escrevessem para os do Estado (os “pequenos”, os “menores” ou “Turma dos Backyardigans”), organizando uma carta coletiva. Como eu não estava presente no dia em que escreveram – o que é que eu fazia enquanto desenvolviam atividades importantes para o meu projeto? –, tive contato apenas com as cartas depois de prontas e com as impressões contadas pela professora:

Quando eu levei a proposta pra a turma do Garfield que é essa turma de quinto ano, foi no sentido de tentar mobilizar o grupo com a escrita que era um grupo resistente a qualquer tipo de produção escrita. A grande maioria resistia a produzir qualquer tipo de texto e aí eu pensei que as cartas poderiam, tendo um destinatário real, poderiam ser algo do interesse. Aí quando eu levei a proposta para eles, eles escreverem, eles tinham feito uma pesquisa sobre o sentido da páscoa. Aí eu pedi para eles escreverem sobre as descobertas deles para essa outra turma de segundo ano tudo o que eles sabiam sobre a páscoa, o que os pequenos não sabiam. Eu disse, assim, que eles não sabiam para que valorizassem mais a escrita. Aí eles toparam e a gente fez essa primeira carta coletivamente. Então assim, foi bem, na hora, alguns falaram “ah não, não vou fazer”, mas no final todo mundo fez, e aí eu pedi pra que eles fizessem também individualmente, coloquei em um envelope e aí eu levei e entreguei para o segundo ano.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Sei que parece estranho, mas tenho que transcrever a carta nessa outra aqui. Uma correspondência dentro da outra e assim vou reconstruindo toda a história e experiência, posso? Se você, meu amigo, souber de outra forma ilustrativa o bastante para ocasionar a compreensão de todo o processo, por favor me conte. Sou sempre aberta a boas sugestões, mas por ora fico com meu bom e velho método:

Campinas, 09 de abril de 2009

Turma do Backyardigans,

Olá! Nós não conhecemos vocês, mas gostaríamos de conhecer. Aqui quem fala é a Turma do Garfield, do 5º ano D, da escola CPZV¹.

¹ Sei que praticamente cometi um assassinato ao não explicitar qual escola desenvolvi todo esse trabalho, mas em 2009 prometi em papel passado e muito bem escrito que eu não nomearia local algum. Mil perdões, leitor.

Gostaríamos de contar para vocês algumas coisas que aprendemos sobre a páscoa.

Vocês sabiam que a páscoa tem vários símbolos? Por exemplo, o cordeiro que simboliza Jesus sendo morto por seu rebanho, o pão e o vinho que representam a vida eterna, o ovo que simboliza o novo nascimento e o coelho que representa a nova geração de fiéis. Tem também o sino que significa a alegria e a celebração pela ressurreição de Jesus.

Desejamos uma boa páscoa para vocês e esperamos que tenham gostado da carta.

Abraços, Turma do Garfield

(Turma do Garfield, Carta, 09 de abril de 2009)

Em nosso encontro seguinte, Tamara me contou que a resposta construída por seus alunos menores também foi realizada coletivamente já que a maioria de seus alunos não tinha autonomia suficiente para escrever sozinha. Mas, veja só, tal fato não impediu que eles dessem vários palpites em todos os pontos da carta. A professora depois me contou com imenso carinho (e fiz questão de anotar no meu diário de campo) a discussão entre os alunos para decidirem o que escrever como saudação:

Primeiro colocaram “abraços”, mas depois que reli a carta toda, um aluno pediu para trocar “abraços” por “com amor” e outra ainda preferiu ‘com carinho’. Já estavam até organizando uma espécie de votação quando outro aluno sugeriu “abraços, amor e carinho” e assim ficou.

(Diário de Campo, 14 de abril de 2009)

Uma graça a preocupação deles, não é mesmo? Eles construíram na prática o que Bazarim (2006) colocou que “no *corpus*, as nomeações (inclusive o uso de apelidos), os diminutivos, as expressões de abertura e de encerramento, bem como o uso de formulações metadiscursivas, constituem as marcas lingüísticas que dão um tom afetivo às mensagens” (BAZARIM, 2006, p. 72).

Repare, então, leitor, na escrita dos pequenos:

Campinas, 09 de abril de 2009

Boa tarde! Tudo bem com vocês?

Somos alunos da escola PCFB e gostamos muito da carta que recebemos. Queremos muito nos corresponder.

Vocês estudam bastante? Brincam no parque e fazem educação física?

Como é a escola que vocês estudam?

Ficamos com muita vontade de conhecê-los. Querem vir nos visitar?

Esse ano vamos fazer três passeios no zoológico em São Paulo, no sítio do Vó Bruno e no cinema.

Esperamos uma nova carta.

Abraços, amor e carinho

Turma do Backyardigans

(Turma dos Backyardigans, Carta, 09 de abril de 2009)

Quanta curiosidade típica de crianças, não?

As respostas a essas inquietações, como me contou a professora, foram construídas, a princípio, em grupos de quatro alunos – por favor, não me pergunte onde eu estava em **mais** essa atividade – de acordo com a habilidade escrita de cada um. Alguns não conseguiram estabelecer diálogo com os colegas e preferiram escrever sozinhos, porque, veja bem, já te contei que a sala dos grandes era complicada em termos de relações interpessoais, não?

Pois bem, e eis que, finalmente, chegara a minha hora de adentrar naquela trama de relações através da escrita... Mas, antes que eu conte como se deu essa passagem, deixe-me rapidamente trazer o que a professora Tamara disse sobre como se deu essa experiência de troca de correspondências entre as duas turmas que se desenvolveu durante o restante do ano através de seis cartas... Afinal, eu me conheço e sei que me empolgarei contando sobre a Turma do Garfield e não quero que os pequenos fiquem esquecidos nesta minha escrita:

Os pequenos foram de início muito mais envolvidos e abertos à proposta do que os maiores... Mas, aos poucos, tendo o

retorno da carta, porque eles mandaram e tiveram o retorno, isso envolveu. Só que assim, não envolveu todo mundo do mesmo jeito, ao mesmo tempo, foi uma construção (...) Acho que esse envolvimento apareceu também depois com a entrada do seu projeto, e isso foi aumentando. Mas assim, o que foi muito legal, eu acho, o que eu fiquei surpresa, que eu não tinha ideia foram as últimas cartas que eles trocaram. Que aí eles já estavam no movimento de duplas, né? De uma dupla escrevia para uma outra dupla, a dupla de uma sala escrevia para uma dupla da outra sala. Assim, já não era no coletivo e já estava ficando mais individual para duas pessoas específicas... Então o Gilmar e a Viviane escreviam para a Joelma... Então assim, essas pessoas existem e eles estavam se correspondendo. E aí quando vem a carta com a fotografia, né? Assim, eu lembro até hoje a reação dos maiores de receber a carta e ver a fotografia daquela criança pequena que escrevia carta pra eles. Eles acharam muito bacana aquilo. Então, aí eu, assim, eu consegui ver no rosto de todos eles o sentido do trabalho, foi muito legal, foi muito bacana.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Bem, como o meu foco não era nas cartas trocadas entre as classes, não me estenderei mais nelas, mas, entenda, leitor, que não é possível descartá-las e fingir que nunca existiram porque elas foram de fundamental importância tanto para que o meu projeto propriamente dito se iniciasse, quanto por proporcionar destinatários reais para as conversas escritas das crianças grandes e das crianças pequenas.

Pois, então, no início de junho escrevi uma carta para a professora Tamara para que servisse de ponte aos alunos... A ideia era que ela lesse a correspondência em sala e pedisse que as crianças ajudassem a compor uma resposta. Em poucas linhas questionei se a professora sabia como eu poderia auxiliar as crianças, onde moravam, como iam para a escola, o que queriam ser quando crescerem... Pois eu queria, nessa ordem, saber quais eram suas dificuldades, se moravam próximas à escola e o que achavam dela:

Campinas, 05 de junho de 2009

Querida Tamara,

Como está? Por aqui está tudo certo, tirando aquela eterna correria que você bem sabe.

Estive pensando e achei que, já que me expresso melhor através da escrita, que seria de bom tom escrever-lhe uma carta. Tenho algumas inquietações, coisa minha mesmo, sobre as crianças da Turma do Garfield. Às vezes eu volto da escola com a nítida sensação de que não os ajudei em nada, parece que conheço apenas seus nomes. Não sei, por exemplo, onde moram, o que querem ser quando crescerem, como vão para a escola, o que sentem, pensam. Acho que me sentiria melhor sabendo desses detalhes e, com isso, estar mais presente no dia-a-dia deles.

Mas, sei que está ocupada com suas coisas também. Desculpe te atormentar com essa carta, na verdade foi somente uma maneira que encontrei de deixá-la a par das minhas inseguranças. Queria fazer mais por essas crianças...

Um beijo,

Patrícia

(Patrícia, Carta, 05 de junho de 2009)

O que achou da minha carta? Bem, só sei que, conforme o combinado, em um dia que eu não estava na classe (veja que dessa vez – e somente dessa vez – minha ausência era proposital), a professora Tamara realizou a leitura da carta e distribuiu papel pautado para a resposta individual. Por mais que eu desejasse, infelizmente, nem todos responderam, contabilizando, assim, 17 cartas: 15 dentro de envelopes confeccionados pelos próprios alunos, com suas graciosidades como desenhos, adesivos, saudações afetuosas, etc. e duas sem envelope. Tamara me contou mais tarde que antes de iniciarem a escrita, os alunos e ela retomaram como era a formatação de uma carta. O resultado dessa conversa inicial foi que todas as epístolas continham o cabeçalho, uma saudação, a mensagem com perguntas, acontecimentos e uma despedida. Assim, aparentemente, de forma despretensiosa recebi minhas primeiras cartas:

Quando Eduardo e Miguel viram que Tamara havia me entregado as cartas, ficaram apreensivos, queriam que eu as lesse naquele momento. Disse que preferia ler com calma em minha casa e que depois responderia todas com carinho. Parece que ficaram satisfeitos com minha resposta.

(Diário de Campo, 26 de junho de 2009)

E, assim, para desenhar o que senti aquele dia, nada mais justo que tomar emprestado as palavras de quem esteve comigo por tanto tempo. Peço somente, meu leitor, que você se dê ao trabalho de trocar mentalmente a palavra "livro" por "carta" no recorte que fiz do conto *Felicidade Clandestina* da Clarice Lispector (1998b):

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro (...) saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade (LISPECTOR, 1998b, p. 12).

Bem, acho melhor parar de divagar sobre minhas muitas sensações antes que você fique entediado... (Mas que minha felicidade era clandestina é verdade).

Assim, munida daquelas valiosas escritas com novas informações preferi aguardar o retorno dos alunos do período de recesso para uma nova troca de correspondências. Mas qual não foi a minha surpresa quando o imprevisível aconteceu: a volta às aulas foi adiada devido à gripe A (H1N1), comprometendo tanto o meu cronograma quanto o da professora Tamara. Mas não me desanimei como você pode ter imaginado. Muito pelo contrário, aguardei ansiosamente (e quando escrevo "ansiosamente" é porque não foi um mero recurso lingüístico, eu estava ansiosa *mesmo*) o retorno das atividades já que conhecia um pouco melhor a dinâmica da sala de aula e os alunos ali presentes...

Pois então, as aulas voltaram lá por meados de agosto. E fiquei contente quando Tamara contou que havia escrito uma carta para as crianças a fim de

reestabelecer o contato, saber como aproveitaram as férias e as expectativas para o próximo semestre (por favor, pergunte onde eu estava quando essa outra atividade foi desenvolvida para que eu fique com mais vergonha ainda!):

Campinas, 16 de agosto de 2009

Queridos alunos,

Como passaram esses últimos vinte e cinco dias? Tempo em que estivemos em recesso, um recesso maior do que prevíamos por conta dos riscos de transmissão da gripe suína.

Descansaram bastante? Aproveitaram esse período de férias?

Hoje passei o dia ansiosa, esperando que logo chegasse a segunda-feira para nos encontrarmos. Fiquei com saudades de vocês, e pensei muito em cada um de vocês, tanto que comprei alguns livros novos de literatura para lermos juntos e também alguns jogos que trarei na sexta-feira, para jogarmos.

Espero que estejam bem animados com a volta às aulas, assim como eu estou, pois estamos chegando na reta final e com muito trabalho pela frente, ainda temos muita coisa para ensinar e aprender, e também, logo, logo teremos o desafio da Prova Brasil por aí. Tenho certeza que com o esforço e dedicação de cada um de vocês, o resultado será muito bom!

Gostaria de receber uma resposta de vocês, contando o que fizeram nesse período em que ficamos longe e o que esperam agora que voltamos às aulas.

Com carinho,

Professora Tamara

(Tamara, Carta, 16 de agosto de 2009)

Sei que é vergonhoso de minha parte não ter participado de mais esse momento com as cartas (tanto é que não me canso de repetir isso), entretanto, se isso alivia um pouco a minha culpa, a professora Tamara possibilitou o meu contato

com todas as epístolas que ela recebeu! Mas, como nessa minha carta aqui eu só queria te apresentar a prática pedagógica realizada no 5º ano D, acho melhor te enviar uma outra escrita daqui há algum tempo só para contar sobre as análises que fiz das respostas dos alunos, combinado?

Bem, como eu ia escrevendo, na semana seguinte, enviei a seguinte carta para a classe:

Campinas, 18 de agosto de 2009

Querida Turma do Garfield,

Como vocês estão? Como foram de férias? O que fizeram? Brincaram muito? Viajaram? Sentiram saudades da escola? Tomaram todos os cuidados com a gripe suína? Nossa! Fiz um monte de perguntas, né? Bom, vou contar um pouco o que fiz nesses dias em que estive longe de vocês...

Eu descansei muito! Dormia tarde, acordava tarde, ficava com preguiça o dia inteiro! Que dorminhoca que eu fui, né? Mas quando eu enjoava da minha cama, pegava um livro e ia para uma praça que tem perto de casa. Lá eu conversava com os velhinhos, olhava os pássaros e lia... Nossa, eu li muito nessas férias. Eram livros de histórias, contos, poesias, jornal... Nem as bulas de remédio e rótulos de alimentos escaparam! Claro que esses eu não levei para ler ao ar livre...

Mas uma das coisas com letrinhas que eu mais gostei foram as cartas que vocês me mandaram há um tempinho, lembram delas? Na verdade, no dia em que a professora Tamara me entregou aquele monte de envelopes, fiquei morrendo de vontade de abrir todos eles ali na classe mesmo, mas me segurei e li tudo em casa. Foi tão gostoso descobrir mais sobre vocês... Saber o que gostam de fazer, onde moram, o que querem ser quando crescerem... Parece que sabendo dessas coisas eu fiquei ainda mais próxima de vocês! E é tão gostoso ser próximo assim de alguém, né? Lembro que quando eu era mais nova adorava quando começava a trocar cartas com minhas amigas. Eu ficava sabendo de cada pessoa... Porque,

não sei quanto a vocês, mas eu sempre gostei mais de escrever do que falar. Daí, nas cartas, parecia que eu falava, falava e falava um monte. Era uma sensação muito gostosa.

E vocês? Como se sentem recebendo minhas cartas? Posso continuar escrevendo? Eu queria pedir desculpas porque ainda não consegui responder as cartas que vocês me mandaram... Acho que dormi demais nas férias, né? Mas agora as aulas voltaram e quero muito continuar me correspondendo com vocês. Tem alguma coisa que queiram saber? Algo que posso ajudar?

Posso contar uma coisa? Ano passado eu escrevi uma carta para uma professora que tive há muitos anos. Eu contei como eu estava, que as aulas dela me ajudaram muito e que um dia eu queria ser uma professora tão boa quanto ela. Coloquei tudo isso dentro de um envelope e pedi para minha irmã entregar para a minha antiga professora que, olhem só, estava dando aulas para minha irmã (que consciência!). Uns dias depois encontrei minha professorinha na rua. Vocês acreditam que ela me abraçou e começou a chorar? Ficou emocionada com o que escrevi... E eu só contei essa história toda para vocês entenderem o poder que tem umas palavras escritas. Elas podem alegrar, entristecer, fazer as pessoas pensarem, sonharem ou mesmo se magoarem. Por isso que eu gosto muito de escrever e quero continuar trocando cartas com vocês...

Minha nossa! "Falei" demais! Estou atrasada para a minha aula. Preciso correr!!!

Um beijo enorme para vocês...

Assinado: Patrícia

(Patrícia, Carta, 18 de agosto de 2009)

Agora, meu amigo, preciso escrever uma coisa que te deixará orgulhoso de mim, talvez até abra um sorriso e bata palmas: eu estava presente na classe quando essa carta foi entregue, lida e respondida! Sim! E, pensando agora, se eu estivesse

em seu lugar, leitor, não ficaria radiante, pensaria com uma boa dose de humor de gosto duvidoso “não fez mais que a obrigação”. Certo. Concordo. Mas, deixando de lado às repressões, é necessário também contar que fiz uma cópia para cada aluno: apesar do conteúdo ser o mesmo, o envelope estava endereçado individualmente. Então, como eu escrevi no diário de campo:

Pedi para que Nathália entregasse as correspondências bem como os envelopes e papéis para resposta. Enquanto isso, fiquei andando pela classe, observando se alguém precisava de ajuda. As meninas foram rápidas nas respostas, a maioria enfeitou os envelopes. Eduardo ficou com preguiça de ler, combinei que ele leria um parágrafo e eu o outro. Qual não foi minha surpresa quando ele começou a ler toda a página e deu risada em alguns trechos. Tentei ajudar Manoel, mas ele não parecia querer auxílio. Venâncio e Miguel não paravam de falar um segundo. Ficam meio que em uma competição para ver quem escrevia mais. Geraldo parece gostar muito de mim. Quando eu chegava perto de sua mesa, escondia a carta entre as mãos, ficava com vergonha.

(Diário de Campo, 25 de agosto de 2009)

Bem, pouco a pouco, em meio a um bocado de conversa, algumas cartas foram colocadas em minha mesa, outras entregues em mãos e também tiveram aquelas que, infelizmente, não foram entregues nunca. Assim, obtive 18 respostas com narrativas consideravelmente mais extensas do que as primeiras. E mesmo com envelopes branco iguais, cada aluno fez questão de personalizá-lo a seu modo:

Danilo estava muito empenhado em desenhar uma flor, parecia que queria se diferenciar do restante da classe. Pedia canetas coloridas emprestadas e ficou bravo consigo mesmo quando errou uma pétala e teve que passar corretivo.

(Diário de Campo, 25 de agosto de 2009)

Renata, Lúcia, Viviane, Larissa e Nathália usaram canetas coloridas e adesivos, enquanto os outros, bem, alguns só escreveram o nome ou nem o nome escreveram. Mas não me importei muito. Estava bem mais preocupada com o conteúdo daqueles envelopes. Ah, como eu queria chegar logo em casa...

E, bem, não sei se você me achará muito estranha, mas me delicieei novamente lendo todas aquelas cartas. Abri uma a uma com muito cuidado e carinho para não estragar o envelope – aliás, diga-se de passagem, é algo que eu faço desde pequena com as correspondências dos meus pais – e de cada um deles saltaram palavras de carinho, expressões, respostas... Era como se eu tivesse mais um pouco de cada criança na palma de minha mão... (E aqui estou eu escrevendo sobre meus pequenos prazeres quando quase me esqueci de contar que apesar da maioria das perguntas serem as mesmas da carta da professora Tamara, muitos alunos responderam com outras construções o que, por exemplo, fizeram nas férias. E, bem, achei isso uma interessante consideração e você? De qualquer forma, não sei se você está lembrado, mas pretendo escrever as considerações das cartas dos outros alunos que não foram meus sujeitos de pesquisa na Carta XI, está bem?).

Continuando nossa – minha, da professora Tamara e das crianças – jornada através dos caminhos da escrita epistolar, no início de outubro ocorreu uma nova troca de cartas. Mas, agora sim, sinta orgulho de minha pessoa, escrevi diretamente a cada um dos alunos! Como fiz isso? Aproveitei que já os conhecia melhor (sei que é terrível confessar isso, mas até meados de junho eu ainda não havia decorado o nome de todas as crianças! Nunca tive a memória muito boa para isso) e procurei saber que construções próprias fariam a partir de minha narrativa. Expressar minhas marcas escritas em 22 cartas de modo que dialogassem com as últimas 18 que eu havia recebido e com as quatro que eu não havia recebido, foi bem trabalhoso. Mas trabalho não exclui o prazer, assim, em cada uma das correspondências eu salteava com perguntas ávidas por conhecerem melhor seu destinatário, uma vez que “no conteúdo das cartas há um tom amigável, que é comum na vida privada, mas não na escola, entre pessoas que mal se conhecem e que têm uma relação com fins institucionalmente estabelecidos” (BAZARIM, 2006, p. 62). E lá fui eu imprimir em folhas fluorescentes tudo o que passei a noite escrevendo. Coloquei cada uma dentro de envelopes brancos que, se eu tivesse mais tempo, teria desenhado e enfeitado como mereciam.

No dia seguinte, uma grande novidade: a professora Tamara havia feito um painel do correio – em uma cartolina grande e colorida, colou um envelope acima do nome de cada aluno para estimulá-los a trocar cartas entre si. Nem preciso te dizer que achei uma ótima ideia (por isso que bem no começo dessa carta comentei que eu não poderia ter encontrado uma parceira melhor nesse meu percurso de pesquisa). Assim, como escrevi no diário de campo:

Na hora das cartas. Não sabia se colocava no mural. Pedi para que alguns alunos me ajudassem a entregar, mas agora percebo que eu deveria ter entregue.

Enquanto recebiam e liam as cartas, muitos me agradeciam. Tamara disse que os olhos de Vinicius brilhavam de alegria ao ler o que escrevi. Tamara distribuiu folhas coloridas iguais as que eu havia escrito as cartas, fiquei feliz, mas sinto que seriam mais produtivos se tivessem folhas com linhas. Mas, pensando agora, talvez isso restringisse um pouco a imaginação deles já que recebi muitas cartas diferentes dessa vez, como Lúcia dobrou a folha ao meio e escreveu como se fosse um cartão de aniversário.

Observei de longe o empenho de alguns meninos que não costumam fazer muita coisa durante as aulas: Danilo, Mannoel, Venâncio e Geraldo são alguns deles.

A maioria me entregou as cartas em mãos, alguns preferiram colocar no meu envelope no mural. Depois que terminavam, algumas crianças trocavam cartas entre si. Fiquei com vontade de confiscar os bilhetes para ler o conteúdo, mas me segurei.

Os que não conseguiram terminar de escrever, prometeram que trariam as respostas na semana que vem.

(Diário de Campo, 09 de outubro de 2009)

Recebi um total de 13 cartas, sendo que quatro alunos haviam faltado e aproveitei para colocar a carta deles dentro dos envelopes do painel. Recebi

também três bilhetes que haviam sido colocados no meu envelope no dia anterior quando Tamara fixou o cartaz na classe:

Que gostoso ver um monte de envelopes coloridos ali. Alguns alunos vieram me contar que no meu já haviam cartas! Confesso que fiquei curiosa, mas mantive um semblante calmo de quem está acostumada a receber cartas. Mas, agora vejo que eu deveria ter feito um estardalhaço, vai que se empolgavam e me escreviam mais...

(Diário de Campo, 09 de outubro de 2009)

E em meio a tantas pequenas alegrias, eis que surgem mais. Lembro que quando estávamos bem próximos do dia dos professores, eu, como professora em formação, não poderia ter ganhado presente melhor: as crianças passaram a escrever bilhetes para os colegas e colocar dentro dos envelopes junto com balas e pulseiras. Você não imagina que delícia era chegar à classe e me deparar com balas coloridas e pequenos dizeres em meu envelope. Mas, talvez o maior presente foi entregue pelas outras professoras da escola ao se interessarem pelo meu projeto:

Na saída, uma professora me entregou uma lembrança: um saquinho com dois chocolates e uma poesia sobre ser professora. No meio da conversa, disse que ficou encantada com o painel de cartas e comentou que em breve tentaria iniciar uma atividade desse tipo com seus alunos e pediu minha ajuda. Fiquei feliz por plantar essa semente.

(Diário de Campo, 16 de outubro de 2009)

Assim, munida de uma bagagem considerável de informações sobre cada criança, decidi que os escreveria individualmente uma outra vez. E, veja só, além disso, nessas cartas enfeitei papel e envelopes porque percebi o quanto era importante reforçar a individualidade de cada aluno (mas antes que você confirme eu era uma **super** megalomaniaca, quero que saiba que continuo achando que eu era **apenas** megalomaniaca... Não tive tempo de escrever todas as cartas à mão, então tive que digitá-las e imprimi-las para que fossem, assim, enfeitadas). Essa

troca de prosa escrita aconteceu em meados de novembro e, pasme, eu estava novamente presente na sala – perceba que estou o tempo todo tentando me redimir de minha ausência no início do projeto.

Na hora de entregar, fui à frente da classe, dei “bom dia”, Um aluno disse “de novo cartas?”, enquanto Larissa falou com entusiasmo “vamos trabalhar com cartas?”. Pedi desculpas por não ter escrito todas elas à mão. Falei que distribuiria folhas para resposta que poderiam ser com ou sem linhas, e também envelopes. Comentei que algumas crianças não haviam me respondido da última vez e que eu queria muito que escrevessem. Eduardo e Venâncio disseram que não haviam terminado de escrever e que esqueceram a carta em casa (...). Entreguei as cartas pessoalmente. Todos liam muito compenetrados.

(Diário de Campo, 13 de novembro de 2009)

Três crianças haviam faltado, e coloquei as cartas nos respectivos envelopes do painel. Pensando nas construções que realizaram a partir da carta anterior em que precisaram escrever em um papel sem pauta pela primeira vez, achei uma boa idéia perguntar a cada criança se preferia uma folha com ou sem linhas. Apenas um quis o papel sem pauta. Sentei no fundo da classe para observar o movimento e também porque

sempre que trabalhamos com minhas cartas, evito ficar andando pela classe porque reparei que alguns alunos ficam intimidados com a minha presença.

(Diário de Campo, 13 de novembro de 2009)

Era quase como se eu violasse a ideia de que as cartas só devem ser lidas após serem entregues ao destinatário.

Geraldo assim que terminou de ler, começou a escrever bem rápido. Manoel, Tuani e Lúcia vieram até a minha mesa

perguntar sobre trechos que não haviam entendido em minha escrita. As meninas trocam as cartas que receberam, olham os desenhos, dão risada. Mannoel e Danilo estão escrevendo bastante (...). Gustavo foi o primeiro a deixar a carta no meu envelope no painel. Um aluno pediu ajuda para Tamara dizendo que não sabia o que escrever. Geraldo veio até a minha mesa com dois envelopes (a minha carta e a que ele havia escrito), me contou que guardava todas as minhas cartas. (...) Mannoel está caprichando muito no envelope, estou ansiosa. Geraldo perguntou se eu já havia lido o que escrevi, quando respondi que queria ler em casa, me disse “é porque você quer ler com mais calma, né? É porque aqui é muito barulhento, né?”. Depois que Bruna me entregou, perguntou “professora, você vai responder na próxima sexta-feira?” (...) No final da aula, Manoel pediu para jogar super trunfo comigo, isso porque nunca falou comigo direito. Rodrigo veio se despedir, nunca havia feito isso antes. Uma aluna, antes de sair, me entregou sua carta (até então só havia entregue a primeira carta).

(Diário de Campo, 13 de novembro de 2009)

Recebi o número recorde de 20 cartas, sendo que 19 foram envelopadas e entregues diretamente a mim, e uma foi colocada dentro do meu envelope no painel. Todos os envelopes estavam bem coloridos, com desenhos e adesivos. As cartas também estavam bem enfeitadas, com molduras, algumas traziam a palavra “fim” nas últimas linhas – claro que tudo isso eu só constatei no aconchego do meu lar porque continuei até o fim defendendo para mim mesma que não realizaria a leitura das correspondências na frente das crianças (gostava de degustar, como já disse, minha felicidade clandestina).

E, bem, eis que chegou o momento de escrever sobre a última troca de cartas. Raciocine comigo, meu caro, escrevi sobre oito meses em sala de aula, sobre a prática pedagógica da professora Tamara no que se refere ao projeto de cartas, sobre minhas emoções e sensações... Tudo isso resultou em um turbilhão de memórias vindo à tona e, bem, esse último momento de relação escrita com as

crianças foi algo como o ápice do projeto por ver tantos sorrisos estampados, mas também foi como assinar minha partida... É melhor eu te contar de uma vez o que aconteceu...

Na última semana de aula, na primeira quinzena de dezembro, a professora Tamara planejou uma série de atividades com a classe de modo que achei que não teríamos tempo para desenvolver o projeto de cartas. Então, sorrateiramente, quando os alunos foram para o refeitório, coloquei as cartas nos envelopes do painel. Quando voltei para a classe, já estavam praticamente todos com as cartas nas mãos:

Foi tão gostoso ver o sorriso no rosto de cada um deles (...). Começaram a mostrar as cartas que haviam recebido uns para os outros, já que além de eu ter conseguido escrever à mão, os papéis eram diferentes. A idéia era que lessem as cartas e respondessem depois de terminarem a atividade de antes do recreio, mas alguns como Manoel e Geraldo quiseram escrever logo: pediram folha para a Tamara. Foram 15 minutos de atividades mistas: cartas ou a continuidade da aula. Um aluno ficou muito feliz porque nunca estava presente nas aulas em que eu mandava cartas, resolveu escrever logo.

(Diário de Campo, 07 de dezembro de 2009)

Bom, comparativamente com as outras trocas de cartas, essa foi a que eu menos recebi materialmente uma resposta. Foram apenas sete cartas sendo que muitos alunos haviam faltado. Mas, repare bem que eu escrevi **materialmente**. Afinal, ganhei quando passei a noite escrevendo cada cartinha, lembrando de cada criança, escolhendo o que perguntar e o que dizer. Ganhei ainda quando alguns alunos que não costumavam conversar comigo, vieram até a minha mesa para agradecer, reclamar do tamanho do papel – dessa vez foi meia página apenas – e tantas outras coisas.

É, meu leitor, não consigo tirar o sentimentalismo de lado, acho que ele me constitui e, então, preciso encará-lo como tal. É como escreveu Camargo (2000a), que “não é propriamente a carta o laço; é o pedaço de papel, as lembranças que afloram, e com elas o sentimento e a emoção de momentos passados, que também

são laços. A carta é o veículo. A escrita, modos de ser. E a leitura, modos de ver" (CAMARGO, 2000a, p. 227). Assim, não terei (muita) vergonha em dizer que no último dia de aula, depois da troca de presentes do amigo secreto e da festa de confraternização com toda a escola, a professora Tamara me deu um livro chamado *O Carteiro Chegou* (AHLBERG, 2007) e pediu para que eu realizasse a última leitura do ano... E eu chorei. Ou melhor, eu **ME DERRETI** em lágrimas. Agora, pensando com calma, parece meio patético, não? (Não responda!). Mas era como se um ciclo encerrasse, como se uma realidade fechasse as portas. Era como se eu tivesse que terminar de escrever uma carta de quase vinte páginas para alguém muito querido simplesmente porque acabara o papel e não por vontade, por falta do que dizer...

Um abraço cheio de sentimentalismo, Patrícia

PS: Só não choro agora para não estragar o papel de uma das melhores cartas que te escrevi até agora.

PSS: Depois de tanto escrever até me esqueci do calor insuportável que faz hoje.

**Carta VI: QUERIDO AMIGO LEITOR, CARO LEITOR AMIGO,
me conto através de Danilo**

Campinas, noite de um domingo de abril de 2010

Querido Amigo Leitor, Caro Leitor Amigo,

Antes de tudo, peço desculpas pela demora em escrever uma nova carta. Fiquei um bocado emocionada ao lembrar parte do que aprendi na sala da professora Tamara ano passado... Tanto é que precisei de um tempo para repensar meus planos, meus projetos e minha formação como professora (Além disso, eu estava de TPM, mas, bem, é melhor deixar esse detalhe de lado). Mas, contarei logo o que interessa: o porquê volto a te escrever.

Bem, andei pensando e de nada adianta eu ter te enviado cartas e mais cartas se eu não fui capaz ainda de desenhar uma imagem do que se constituiu a minha experiência de troca de correspondências com os alunos da Turma do Garfield. E, para isso, nada melhor que contar um pouco o que vi, o que penso sobre o que vi e o que eu faço sobre o que penso e vi a partir das relações e construções escritas daquelas crianças...

Pois, então, começarei a me contar através do Danilo (perdoe-me essa coisa toda, me dói o coração trocar o nome dos alunos, mas, prometi para seus responsáveis que preservaria a identidade das crianças. Cumpro agora meus contratos), um menino, digamos, ausente. Lembro que nos primeiros meses que acompanhei a classe, quase não o via, e, como escreveu Lacerda (2002) “não basta olhar, é preciso ver; mas ver também é limitado, precisamos fazer alguma coisa com aquilo que vemos” (LACERDA, 2002, p.73)... Nossa relação, então, constituía-se em: ele não conversava comigo, eu não conversava com ele; eu ia às sextas-feiras, ele faltava às sextas-feiras... O silêncio entre nós era tanto que me lembro – e sou lembrada pelas anotações do diário de campo – que no final de maio a professora Tamara pediu que eu auxiliasse o Danilo e o Thomas em uma atividade em que haviam faltado. Juro que tentei ajudar o Danilo, mas ele simplesmente me ignorava, dizia que não precisava de ajuda e quero que você, leitor, entenda que esse “dizia” era dirigido para a professora Tamara e não para mim. Mas, o engraçado é que, até então, eu não havia reparado o grande abismo que nos separava... Naquele dia me

senti um tanto derrotada e voltei para casa pensando em diversas maneiras para nos aproximarmos.

Mas, como bem Chico Buarque escreveu em música e poesia: “eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá”, não tive muito tempo para colocar em prática as várias formas que havia pensado para ocasionar uma aproximação (leia-se sentar mais próxima dele, fazer brincadeiras, etc., etc., etc.)... Em junho escrevi aquela primeira carta para a professora Tamara que visava intermediar minha relação com a turma. Uma semana depois, quando recebi as respostas e quando percebi o quão atrapalhada eu era (sou), pois ainda não havia decorado o nome de todos os alunos, tive que mudar meu olhar para o Danilo: nas poucas linhas, um cabeçalho e uma saudação sem muito compromisso com a pontuação ou a gramática, um vocativo menos preocupado ainda – afinal, eu era a “*patrisia*” –... E, pasme, **todas** as respostas de minhas perguntas e, ainda, demonstrações de afeto (Sim, eu escrevi certo, afeto).

Assim, ao ser questionado em minha escrita através da seguinte construção:

Não sei, por exemplo, onde moram, o que querem ser quando crescerem, como vão para a escola, o que sentem, pensam. Acho que me sentiria melhor sabendo desses detalhes e, com isso, estar mais presente no dia-a-dia deles.

(Patrícia, Carta, 06 de junho de 2009)

Danilo respondeu minha carta de modo a “costurar” (já comentei rapidamente sobre isso na Carta III quando abordei a questão da autoria, não?) sua escrita com a minha, selecionando significantes para sua construção ao procurar aquele que se harmonizaria com os demais, a fim de obter um texto coerente e compreensível (FERRIOLLI, 2008). Transcrevo agora um trecho para que você, meu querido amigo, compreenda melhor...

(Ah, leitor, antes que eu me esqueça, preciso dizer que já que eu não posso colocar os nomes verdadeiros dos meninos e meninas e tampouco colar suas cartas para você ver com seus próprios olhos a riqueza que tento descrever, deixe-me ao menos transcrever as cartas **exatamente** como as recebi – leia-se, com erros gramaticais –. Porque, veja bem, o foco das produções era estabelecer diálogo e

relações, assim, nem eu e nem a professora Tamara nos voltamos para a correção ortográfica...)

... Pois bem, continuando:

Eu venho para escola alegre eu gosto de jogar futebol na física.

No meu futuro eu quero ser jogador de futebol.

(Danilo, Carta, 15 de junho de 2009)

Agora, me responda que espaço eu utilizaria para descobrir essas informações se não fosse a carta? Afinal, devo lembrá-lo que o Danilo NÃO conversava comigo seja dentro ou fora da classe! Então, você deve imaginar que eu quase caí de costas quando li na continuação da carta: “*Nos estamos sentindo sua falta quando e que você vai vir para a nossa sala?*” – assim mesmo, em terceira pessoa, como se ele tivesse conversado com a classe inteira antes de me escrever.

Mas, talvez eu tenha ficado mesmo em estado de choque quando ele terminou a carta com: “*espero que você venha logo estol sentindo sua falta!*”! Sabe, não entrava e, para dizer bem a verdade, ainda não entra em minha cabeça como ele poderia sentir minha falta... Acho que essa coisa de relação interpessoal é muito mais complicada do que achei que fosse, viu?

Mas, surpresas maiores ainda estavam por vir. Lembra que eu escrevi uma carta para os alunos assim que voltaram de férias? Pois bem, como daquela vez que estava presente na sala no momento em que escreviam as respostas, andei um pouco por entre as carteiras, mas não me detive, como de costume, nas mesas de cada um para auxiliá-los – eu queria ver que construções fariam sozinhos –. Entre outros olhares, notei que Danilo se empenhava muito em desenhar uma flor no envelope (mas não comentei nada com ele, porque, apesar daquela primeira carta que revigorou meu ânimo no que dizia respeito à nossa relação, pessoalmente ainda não trocávamos nenhuma palavra), fiquei tão curiosa para saber o que ele tinha escrito, porque, afinal, eu concordava com Gomes:

A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo. Uma relação – de amizade, de amor, de trabalho – que pode ser percebida pelas

transformações ocorridas nas formas de tratamento e despedidas, bem como no próprio volume das cartas (Gomes *apud* MORAIS, 2009, p. 157).

Assim, quando cheguei em casa foi a primeira carta que abri...

Danilo não se preocupou em escrever seu endereço no envelope e tampouco com os locais socialmente estabelecidos para o destinatário e o remetente. Ao utilizar-se das construções “de Danilo” e “para Patrícia” é possível concordar com Camargo (2000b) quando afirma que as cartas são objetos esperados e aguardados com impaciência que muitas vezes saem da impessoalidade, da “institucionalidade” da circulação dos correios e ganham significações singulares.

Na carta, Danilo não escreveu o cabeçalho que, de acordo com Cunha (2002),

cartas que são datadas delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura. Na emergência dessas histórias, sujeitos que escrevem e lêem cartas deixam suas marcas, que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita (CUNHA, 2002, p. 204).

Entretanto, em resposta às minhas perguntas, contou que tinha gostado muito da minha carta, que gostaria que eu continuasse escrevendo, que suas férias foram ótimas mesmo sem ter viajado porque ficou em sua casa brincando e se divertindo. Além disso, o aluno se apropriou de uma construção de minha escrita: uma seqüência de perguntas – no meu caso, “*Como vocês estão? Como foram de férias? O que fizeram? Brincaram muito? Viajaram?*” e no dele, “*E você como que foi suas férias? Viajou? Si divertiu?*” –. Assim, é possível concordar com Geraldi (1997), quando coloca que “a forma como os outros disseram o que disseram amplia as possibilidades de dizer” (GERALDI, 1997, p. 175), e com Araújo (2002), uma vez que

preso na teia identificatória ao Outro, o sujeito se constituiu autor junto com o esvaecimento do suposto-saber desse Outro e conseqüente nascimento de um estilo próprio do sujeito, sendo que o objeto a sustenta esse processo ao possibilitar a fantasia de existência do Outro (ARAÚJO, 2002, p. 40).

Em outubro, quando decidi escrever cartas individuais, coloquei dentro do envelope de Danilo vários assuntos porque, como (ainda) não tínhamos contato pessoalmente, eu queria recolher o máximo de informações por escrito que

conseguia e, também, – prevendo que ele não responderia e comentaria tudo o que havia na minha carta – analisar quais os pontos que chamavam sua atenção. Assim, questionei sobre o rodízio de professores e com qual professora havia caído (não sei se já te contei, mas era uma prática realizada com todas as turmas dos 5ºs anos em que durante alguns dias periodicamente os alunos eram reagrupados de acordo com suas necessidades em leitura, escrita e matemática), sobre qual o livro que ele mais tinha gostado de ouvir a Tamara lendo, contei que não sabia se continuaria acompanhando as aulas ano que vem e que eu havia gostado tanto do desenho da flor que queria que ele me ensinasse a fazer uma igual (entenda, meu amigo, que eu queria transpor a barreira invisível que existia entre nós e achei que solicitar auxílio seria mais efetivo que oferecer o meu – que já não tinha funcionado).

Mas, não é que ele, de forma sucinta, escreveu sobre tudo? Lá estavam o cabeçalho, o meu nome, o comentário sobre o rodízio de professores (talvez não tenha respondido exatamente o que perguntei, mas Danilo construiu uma frase que remetera ao que eu escrevi: *“essa semana que eu fiquei em outra sala foi muito chato porque você não estava lá senti sua falta”*), o desejo de que eu não parasse de visitar as aulas mesmo no próximo ano, qual era o livro que ele mais gostava – *“divinas disventuras”* – e que qualquer dia me ensinava a desenhar a flor. Foi então que compreendi aquilo que a professora Tamara me disse sobre as cartas:

Porque além de mostrar para as crianças a real função da escrita a função social que ela tem, de tirar essa escrita escolarizada só para aprender uma determinada avaliação, essa coisa artificial... E pegar essa escrita como instrumento de reflexão, como instrumento comunicação, de estabelecer relação, de dizer o que você gosta e não gosta, de ter sentido para você e a escola não faz isso.

(Tamara, Entrevista I, 2009)

Sabe, acho que não preciso te dizer que fiquei bem feliz com todas aquelas construções, não é? Afinal, era uma vitória estabelecer uma relação dessa forma com um aluno que mal me via na classe... Ou será que via quando eu não o olhava?... Bom, fico devendo a resposta para essa pergunta, ou melhor, trago mais elementos para construí-la quando relato que na semana seguinte em que a classe

respondeu minha carta, fomos ao cinema com a escola e o Danilo pediu para sentar ao meu lado! Sim. Ele pediu (tudo bem, na verdade ele quase brigou com um colega que também tinha pedido). Confesso que fiquei tão radiante que nem prestei muita atenção no filme. Acho que era algo sobre hambúrgueres, sobre chover hambúrgueres... Sei lá, não faz sentido algum, desculpe...

Assim, me aproveitei de toda aquela empolgação e decidi investir mais ainda (ou você já esqueceu o quão megalomaníaca eu sou?). Em novembro escrevi uma nova carta para Danilo enfatizando três assuntos: um passeio que os alunos fizeram e que eu não pude acompanhar, sobre Campinas porque alguns dias antes eu o ouvi dizendo que detestava a cidade, que queria voltar para Alagoas, a terra dele e alguns pontos retomados da carta anterior.

Acho que me frustrei um pouco quando abri a carta de resposta e vi que ele não tinha escrito nada sobre Alagoas, mas, em compensação, pegou uma pequena nuance em minhas palavras: quando eu escrevi que estava acompanhando as aulas todas as terças e sextas-feiras, ele comentou que eu "*deveria vir para escola a semana inteira*". Além disso, pude notar outras duas particularidades em sua escrita: fui chamada de "*Patrícia*" mesmo quando havia assinado "*Paty*" na carta anterior e ele lançou mão da palavra "*fim*" para complementar a despedida.

Sabe, aquela foi minha última carta para o Danilo. Ou melhor, a última que ele me respondeu, porque eu cheguei a escrever uma outra ainda, mas como ele faltou no dia que eu entreguei, eu não soube sua reação ao lê-la e sequer se me responderia. Mas eu preciso dizer que desde o ocorrido do cinema até a última vez que o vi, era nítida uma relação diferente. Conseguíamos conversar (pouco, mas conversávamos), ele pedia minha ajuda nas atividades, me solicitava para que eu desse opiniões e participasse de jogos. Não sou capaz de dizer que minhas cartas serviram de instrumento para que minha relação com Danilo saísse do marco zero e saltasse quase ad infinitum, mas, como bem contou a professora Tamara:

O Danilo escreveu carta, escreveu estabelecendo comunicação com você, não foi aquela coisa de pergunta e resposta. Ele fez a construção de um texto de carta, e é um aluno que não produz... Não produz não porque não sabe, mas que é resistente numa outra atividade de produção de texto (...). Porque ele não vê sentido também, não era algo que mobilizava... Porque acho

que, e aí eu estou pensando nisso agora, que a apropriação dele do gênero tem a ver com a relação, com o sentido da relação estabelecida, por que pra mim essa foi uma das maiores aprendizagens com o seu projeto. Que a escrita de cartas e essa escrita em primeira pessoa é uma estratégia, é um instrumento metodológico de sala de aula que a gente tem que fazer uso...

(Tamara, Entrevista I, 2009)

Bem, meu caro, termino essa carta com uma saudade imensa daquele menino que com dez anos de idade já era bem mais alto que eu. Aquele garoto que resistia às minhas investidas de aproximação até quando ele mesmo queria se aproximar e não sabia ao certo como. Saudades do Danilo que encontrou nas minhas cartas uma maneira de conversar comigo sem que isso implicasse olhar nos olhos, mas espero que ele tenha entendido que "as cartas pessoais são como janelas. Porque nos permitem alcançar a intimidade dos que através dela se revelam. Elas são autobiográficas" (SOLIGO, 2005, p. 349).

Um beijo e um abraço apertado,
Patrícia

**Carta VII: CARO LEITOR,
apesar de distante, tenho muito a escrever sobre o Gustavo**

Campinas, manhã fria (muito fria) de abril de 2010

Caro Leitor,

Hoje acordei querendo distância... E entenda que não é culpa dessa manhã pálida que grita por atenção, é algo ainda mais profundo. Talvez seja até algo do meu inconsciente, porque, veja bem, são 6h e não tenho total clareza de que acordei. Tudo o que sei é que adormeci com o livro *Água Viva* da Clarice Lispector (1998a) apoiado em minha cara e com um cademinho ao lado de minha cama com várias anotações. E, bem, como eu não sou de contrariar as esquisitices da vida, transcrevo agora um trecho que, na noite de ontem, copiei seguido dos seguintes dizeres em vermelho “enviar na próxima carta”:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente (LISPECTOR, 1998a, p. 20).

Entenda que minha intenção era esperar mais um tempo para te jogar mais umas palavras de isca – além do que, você nem se deu ao trabalho de responder a minha última carta (e nem a outra, nem a que veio antes da outra, tampouco a antes da outra...) – mas, quando li o que a Clarice um dia pensou por mim, me deu uma vontade louca de te escrever novamente contando, ou proseando, se preferir, sobre minhas relações com os alunos da Turma do Garfield. E devido ao furacão de pensamentos que me acometeu logo no primeiro parágrafo, hoje escreverei sobre o Gustavo.

(Antes que você se pergunte, não, o Gustavo não era um menino confuso ou sonolento ou atrapalhado, como estou esta manhã. Apenas me decidi por ele porque quem é confusa e atrapalhada sou eu quando penso na relação que estabeleci com ele).

Pois bem, nos primeiros dias em que acompanhei a sala da professora Tamara me dei conta de que havia um aluno em especial que fazia todas as atividades com destreza, precisão e rapidez, respondia todas as perguntas... Tinha uma boa relação com os colegas, ouvia atentamente a professora, mas nunca dirigia a palavra para mim. Aquele menino, como logo descobri, era o Gustavo... Com o passar do tempo, veja só que felicidade, nossa relação cristalizou-se por intermédio das cartas que trocamos ao longo do ano, pois consistiram no único espaço em que eu consegui obter informações diretamente com ele, uma vez que, de acordo com Bolléme (*apud* AZEVEDO & GONÇALVES, 2009), a carta é um gênero popular por excelência, porque é o equivalente da conversação. E, assim,

seria algo que diz, ou que se quer dizer, que se quer transmitir, que se quer fazer, sentir. Nas palavras da autora: ... Nunca se escreve senão para viver, a fim de se fazer presente frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer (Bolléme *apud* AZEVEDO & GONÇALVES, 2009, p.140).

Então, deixe-me contar que a primeira carta que recebi de Gustavo estava dentro de um envelope colorido, enfeitado e confeccionado pelo próprio aluno. Nele também constavam no local adequado os dados do remetente e do destinatário. A escrita da epístola foi concisa, atendendo tanto à formatação do gênero carta – cabeçalho, saudação, conteúdo e despedida –, quanto às questões que eu havia realizado na correspondência enviada para a professora Tamara a fim de que, como você deve se lembrar, servisse de mediação. Dessa maneira, acredito que, ao perceber meu recurso lingüístico-discursivo em questionar a vida dos alunos fora do contexto escolar (BAZARIM, 2006, p. 63), Gustavo escreveu elementos que eu desconhecia por não termos contato pessoalmente:

Patrícia, eu estou muito bem estou aprendendo muita coisa nova, coisas que eu não sabia.
Eu moro perto da creche NV², mas você onde mora?
Eu venho feliz para a escola, e venho feliz porque eu vou aprender coisas novas e ver meus amigos.

² Você deve ter percebido que o nome da creche também foi modificado, não? Tudo em prol de preservar a identidade das crianças.

Eu gosto de brincar com meus amigos e de conhecer amigos.

Eu quero ser no futuro um cientista ou um medico.

(Gustavo, Carta, 15 de junho de 2009)

O meu segundo contato com a escrita de Gustavo aconteceu quando li a carta que o menino enviou para a professora Tamara logo após o período de recesso (lembra? Já te escrevi mês passado sobre esse movimento). Assim, frente a uma necessidade de responder os enunciados propostos pela “*professora Tamara*”³, Gustavo lhe escreveu a seguinte carta:

Eu passei essas férias em casa por causa da gripe suína, minha mãe ficou preocupada.

Descansei muito, fui á um parque fazer pic-nic.

Eu aproveitei esse periodo de ferias bastante, eu brinquei e fiz um amigolote ou amigo de chocolate.

Eu espero que nesse semestre seja muito bom e legal.

Um abraço

Gustavo

(Gustavo, Carta, 17 de agosto de 2009)

Na semana seguinte a essa troca de cartas, recorda-se, leitor, de que entreguei à classe uma segunda carta em que procurei, assim como a escrita pela professora, reestabelecer contato?

Agora, veja que interessante, em minha carta que perguntei praticamente sobre os mesmos assuntos que a professora Tamara, entretanto, apesar do conteúdo das respostas de Gustavo também ser quase o mesmo, é possível observar que a forma como estruturou sua escrita foi diversa. Assim, a carta a mim endereçada foi colocada em um envelope branco que eu havia distribuído para todos os alunos, sendo que Gustavo personalizou-o com canetas coloridas e dispôs os dados do remetente e do destinatário nos locais corretos:

³ Saudação que Gustavo usou na carta enviada à Tamara.

Eu fiquei muito bem nessas férias, eu e meus amigos brincamos, fizemos um pic-nic, brincamos de novo e muitas outras coisas, nós não viajamos por causa dos riscos de pegar a gripe suína, mas eu senti saudades da escola, das professoras e dos meus amigos.

Minha mãe já tinha atenção na área da saúde com a gripe suína, ela toma o quádruplo de cuidado, ela agora pede toda a hora para lavar a mão, por causa da gripe suína, e eu acho isso certo por que há riscos em todo lugar.

(Gustavo, Carta, 25 de agosto de 2009)

Ainda assim, meu caro leitor, considere relevante a construção feita por Gustavo no parágrafo abaixo em que narra uma experiência vivida em um dia que eu não estava presente na classe (não diga nada parecido com “para variar”, porque sei que é ironia sua):

Ontem a orientadora pedagogia chegou com uma caixa grande eu fiquei curioso muito curioso, eu estava louco para ela abrir, quando ela abriu eu vi um monte de livros do Proerd⁴, ela explicou que o proerd seria quarta-feira, ai eu lembrei que o proerd e dado por policiais, minha irmã fez o proerd ano passado e amanhã acho que será a primeira aula do proerd.

(Gustavo, Carta, 25 de agosto de 2009)

Assim, entendendo que “o narrador retira da experiência o que ele conta, sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1993, p.201) e tendo em mente que

os fatos contados de memória, via de regra não foram vividos identicamente à percepção que se tem hoje deles. Determinada experiência rememorada passa pela sensação que causou no momento vivido, acrescentada de tudo que aconteceu posteriormente, da distância no tempo e da distância do sujeito que se é no momento da lembrança, diferente daquele que se era no momento do fato rememorado (PASSOS, 2000, p. 101).

⁴ Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência.

Podemos dizer que Gustavo também realizou escolhas, uma vez que, de acordo com Possenti (*apud* FIAD, 2008):

Pode ser entendida, alternativamente, como efeito de uma multiplicidade de alternativas – decorrente de concepções de língua como objetos heterogêneos – diante das quais escolher não é um ato de liberdade, mas o efeito de uma inscrição (seja genérica, seja social, seja discursiva) (Possenti *apud* FIAD, 2008, p. 220).

Então, gosto de dizer que Gustavo escolheu um assunto entre tantos outros possíveis de serem recontados na carta, pois considerou a importância para si mesmo bem como para mim, já que

a carta é um texto privilegiado para comunicarmos porque a existência de um interlocutor – ou de interlocutores – com quem pretendemos dialogar nos obriga a ajustar o que temos a dizer e as formas de fazê-lo a partir do que imaginamos que a eles interesse, acrescente, seja relevante (SOLIGO, 2005, p. 343).

Nas últimas linhas dessa carta, Gustavo ainda me escreveu:

Você gostou dessas férias? Acho que escrevi muito

(Gustavo, Carta, 25 de agosto de 2009)

E acredito, e quero compartilhar com você, leitor, que, além de formular uma questão que demonstra interesse, Gustavo apropriou-se de uma construção minha e a ressignificou a seu modo, pois como escreveu Bakhtin (2006) “as palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (BAKHTIN, 2006, p.313):

Minha nossa! "Falei" demais! Estou atrasada para a minha aula. Preciso correr!!!

(Patrícia, Carta, 18 de agosto de 2009)

No início de outubro considerei que tinha dados suficientes para endereçar uma carta a cada aluno de modo que fosse possível levantar assuntos que os motivassem mais a escrever. Assim, aproveitei as informações que somente o

Gustavo me contou sobre o Proerd e, além de questioná-lo sobre as aulas com os policiais, relatei o assunto com perguntas sobre a sua família:

Como estão as aulas do Proerd? Outro dia a professora Tamara me emprestou uma apostila deles para eu olhar. Achei bem legal o material. Os policiais ensinam um monte de coisas importantes, não? Você escreveu na carta que sabia que o Proerd era dado por policiais por causa da sua irmã. Você só tem uma irmã mais velha? Ela tem quantos anos?

Falando em família, no dia da reunião eu conheci sua mãe. Ela parece ser bem cuidadosa e preocupada com você. Isso é tão bom. Na sexta-feira passada eu não fui à escola porque precisei ir em uma ONG de crianças carentes. Lá tinham vários meninos e meninas que não recebiam educação em casa direito, que os pais não se importavam. Achei muito triste. Como eu quase não fico em casa porque estudo muito, quase não vejo meus pais, mas sei que eles me deram uma boa educação e que me amam muito. E você, Gustavo? Como é na sua casa? Você fica bastante com seus pais?

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

A resposta foi colocada dentro do meu envelope do painel do correio, sem inscrição alguma sobre quem era o remetente, de modo que só era possível saber se abrisse a carta. Continha o cabeçalho corretamente escrito. A saudação resumia-se em: "Patrícia", sendo que em meus escritos chamei-lhe de "querido Gustavo" (é impressão minha ou ele tentou colocar mais uma barreira em nossa relação?). Sobre a questão que coloquei, ele escreveu:

As aulas do Proerd estão indo muito bem, os policiais estão ensinando sobre as drogas para que a gente nunca use, a minha irmã disse que no final do curso nós iríamos ao centro policial receber o nosso diploma, eu acho a minha irmã legal, ela tem 10 anos e estuda aqui na escola, e eu vejo ela bastante.

(Gustavo, Carta, 05 de outubro de 2009)

Ainda nessa carta procurei trazer em minha escrita uma maneira de tratar as relações que Gustavo desenvolvia com seus colegas, uma vez que em eu já havia percebido que ele era um aluno muito tímido. Dessa forma, lhe escrevi:

Mudando de assunto, com qual professora você ficou na semana passada? Eu fiquei tão perdida na terça-feira porque tinham muitos alunos na classe da professora Tamara. Era tanta gente que eu quase fiquei sem cadeira para sentar, acredita? Mas foi muito legal conhecer as outras crianças. E você? Gosta de conhecer gente nova? Faz amigos com facilidade? Quando eu era mais nova tinha medo que ninguém quisesse ser meu amigo, mas agora vejo que era tudo abobrinha da minha cabeça.

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

Sobre essas inquietações, Gustavo escreveu:

Na semana passada eu fiquei com a professora Andressa, eu conheci muita gente nova, mas fiquei com saudade do velho 5º ano D

(Gustavo, Carta, 09 de outubro de 2009)

E emendou que achou:

e sobre o papel colorido eu achei legal!

(Gustavo, Carta, 09 de outubro de 2009)

Uma vez que eu havia escrito:

Ah, quase ia esquecendo... o que você achou dessa carta nesse papel colorido? Ele é muito colorido? Eu queria escrever em uma folha diferente e acabei comprando essa. Na hora

achei super legal, mas depois vi que as cores enjoam fácil. Bom, qualquer coisa na próxima eu escrevo em uma folha sulfite normal.

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

Ao se despedir, Gustavo utilizou *"bom eu acho que é só isso"* e entendi isso como uma nova apropriação sobre a minha escrita – *"bom, acho que era isso. Espero sua resposta"* –. Entretanto, novamente, o menino manteve uma distância afetiva comigo e com meus escritos, uma vez que enquanto eu finalizei minha carta com *"um beijo, Patrícia"*, ele escreveu *"um abraço, Gustavo"* (entenda que eu não estou desmerecendo abraço nenhum, longe de mim, mas você há de concordar comigo que se existisse uma hierarquia de despedidas, o beijo viria antes do abraço no quesito demonstração de afetividade).

Sobre a carta seguinte, preciso admitir que foi a minha vez de me apropriar da escrita de Gustavo...

(Aqui faço uma pausa para te contar que a primeira vez que ouvi que um aluno poderia ensinar algo ao professor foi durante uma aula de estágio supervisionado I com o professor Guilherme – que depois veio a ser meu orientador –. Naquela hora essa informação me pareceu bem estranha... Mas nada melhor que a prática para desconstruir nossas pequenas verdades infundadas, não?).

Mas, voltando...

Assim, a partir da leitura de Bazarim (2006) que coloca que expressões como *"querido"*, *"beijos"* e o uso de apelidos manifestam pouca formalidade além de indicarem um laço afetivo entre os interlocutores, eu simplesmente utilizei apenas *"Gustavo"* como saudação, uma vez que não tínhamos uma relação afetiva concretamente desenvolvida. Na carta, perguntei para o aluno o que ele havia achado do passeio que realizou com a classe para conhecer as garagens dos ônibus e aproveitei para comentar que o natal estava próximo. Para a despedida, mantive o tom cordial com *"um abraço, Patrícia"*.

A resposta foi colocada novamente em meu envelope do painel do correio. Constava o cabeçalho, a saudação – *"Patrícia"* –, a despedida – *"um abraço, Gustavo"* –. Mas, peço que perceba a particularidade de minha relação como menino, já que dessa vez a carta foi escrita de maneira muito mais próxima e

afetiva, de modo que ele foi capaz até mesmo de compartilhar um segredo comigo (sim! **Compartilhar** um se-gre-do!!!):

Mas mudando de assunto, você gosta das luzes de natal? Eu gosto muito principalmente de ir ao shopping todo enfeitado, mas é uma pena que o ano está acabando por que em breve teremos que nos separar mas para esse ano ser inesquecível eu planejo uma pequena festinha de fim de ano mas, por enquanto eu só vou contar para a Tuani e para você, se achar uma boa idéia é só falar.

(Gustavo, Carta, 13 de novembro de 2009)

Então, como não concordar com a ideia de que as “cartas movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos” (BASTOS, CUNHA & MIGNOT, 2000, p. 5)? Simplesmente impossível...

No início de dezembro, então, quando me preocupei em escrever à mão cada uma das cartas, já que eu tinha consciência de que seria de fato a última troca de carta com aquelas crianças (não se preocupe, já levei um pequeno sermão do professor Guilherme por não ter disponibilizado meu endereço para que as crianças continuassem a me escrever) e queria que tivessem uma boa lembrança dessa experiência. Por conta disso, além da carta manuscrita, ainda me atentei ao papel utilizado, enviando para cada um deles uma folha diferente.

Não sei ao certo dizer se essas minhas pequenas (grandiosas) preocupações tocaram o menino de alguma forma, mas sei que ele foi um dos poucos que responderam minha carta. Preocupou-se com a escrita do cabeçalho, as usuais saudações e despedidas – “*Patrícia*” e “*Um abraço, Gustavo*” –, mas, ao escrever sobre minhas inquietações acerca do próximo ano em que eu não acompanharia novamente a classe, me surpreendeu tanto quando na carta do segredo quando escreveu:

Eu acho que vai ser muito chato quando nós nos separarmos, mas eu acho que nos veremos de novo eu gostei muito desse ano e você?

(Gustavo, Carta, 06 de dezembro de 2009)

Assim, compreendi na prática e, espero que você também tenha entendido a partir da minha leitura, o que Soligo (2005) coloca:

O que às vezes é difícil dizer cara-a-cara, olhos-nos-olhos se pode dizer pelas palavras escritas. O imperdoável é nunca dizê-las. Se de um lado as palavras escritas não têm a potência das palavras ditas-ouvidas, elas oferecem uma inegável vantagem: de parte a parte, podem ser acessadas tantas vezes quanto se queira. (SOLIGO, 2005, p. 358).

Afinal, mesmo com todas as conquistas no âmbito de nossa relação que te contei nessa carta, Gustavo continuou sendo distante de mim pessoalmente. E isso porque eu bem que tentava puxar papo, ajudar nas atividades... Mas era uma espécie estranha de diálogo, porque, veja bem, eu entendo um diálogo como justamente isso: dois. E com ele, ao que me parece, havia apenas uma voz que se sobrepunha: a minha. Eu questionava o menino sobre alguma coisa, mas ele respondia olhando para baixo, não perguntava “e você?”, não parecia interessado... Bom, fiquei realmente incomodada com isso, então, decidi perguntar para a professora Tamara e fiquei mais aliviada com a resposta:

O Gustavo ele era uma criança bem reservada. Então, essa questão de distanciamento foi comigo, com você, com o grupo, né? Assim, uma criança, não sei.. Um aluno assim, um aluno que nunca se intimidou de colocar as opiniões dele, ele era um aluno excluído na sala de algum modo, né? (...) eu acho que essa coisa do distanciamento é uma característica dele, porque ele mostrava isso em outras situações.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Penso agora que nós, adultos, também temos a necessidade de afeto e atenção, e uma vez que não somos atendidos em uma primeira vez, tentamos de todas as formas possíveis, não? É por isso, leitor, que há meses te escrevo e nunca recebi sequer um bilhete seu. Em situações assim lembro-me de um trecho de uma cartinha muito engraçada que li por aí:

"(...) me faça um favor: escreva-me um bilhete, menor ainda que este, também só para dizer alô. Dou até a fórmula para você copiar para não ter o menos trabalho. Escreva assim:

'Alô, Clarice!

Fernando"

(Lispector *apud* SOLIGO, 2005, p. 355).

Veja, meu caro leitor, que qualquer semelhança é mera coincidência e o que você faz com essa pequena (in)direta que dei aí em cima, já não é problema meu.

Aquele abraço

(porque abraço é ótimo nesse frio de ranger os ossos),

Patrícia

PS: Cartas são mesmo maravilhas quando se trata de aproximar as pessoas, não? Passei a manhã toda te escrevendo e agora, além de acordada, ainda me desejei um abraço seu para espantar o frio e diminuir aquela distância que eu queria no início da manhã... Que outro gênero do discurso me possibilitaria isso???

**Carta VIII: ALÔ, LEITOR,
estou ansiosa para te escrever sobre o Manoel**

Campinas, comecinho de maio de 2010.

Alô, Leitor,

Hoje estou faceira. Estou de festa, de multidão, de novidade... E, aproveite, porque é só hoje que me pareço com um balão colorido, uma chuvinha de risadas... Na maior parte das vezes, como você bem sabe, sou um tanto ácida e outro tanto irônica... Já falei que aprendi isso com a minha mãe, né? Bom, não importa... O que é importante é o agora, é esse instante, é o já, o para ontem...

(Que fique claro que não esqueci que você está me devendo dezenas, centenas, milhares de cartas, mas hoje nada disso me importa)...

E, nada melhor que um dia assim, para me lembrar que eu precisava te escrever sobre o Manoel. Por quê? Porque ele era como estou hoje: inquieto, ansioso, curioso... Era um aluno que quase não produzia em sala de aula. No começo do ano, na maioria das vezes recebia atividades diferenciadas do restante da classe porque tinha dificuldade em segmentar palavras, desenvolver textos e sua caligrafia era praticamente ilegível. Em contrapartida, possuía o raciocínio muito rápido o que fazia com que atropelasse a própria fala. Bastante ingênuo, inquieto, ansioso e ativo. Teve problemas com respeito e autoridade, tumultuava a classe constantemente com piadas e palavrões. Minha relação com Manoel mudou a partir de outubro, sendo que, até então o menino era relutante em conversar e se aproximar de mim, mas isso, meu amigo, conto no decorrer dessa carta...

Pois bem, as duas primeiras cartas que escrevi para a classe – me recuso a falar quais eram e quais propósitos tinham porque você já deve estar careca de saber – não atingiram o aluno a ponto de que me respondesse... Ou, melhor, prefiro concordar com Camargo (2000b) quando coloca que

o enunciado é o fragmento material na cadeia comunicativa, pode ser uma palavra, oração ou texto. Pode ser uma carta. a função comunicativa da língua se realiza na relação forçosa, obrigatória, entre o locutor e o outro, outros, participantes da comunicação. Toda compreensão de um discurso vivo, de um enunciado vivente, tem um caráter de resposta; toda

comunicação é prenhe de resposta, às vezes esta acontece desde as primeiras palavras, às vezes é uma ação retardada, às vezes é uma resposta silenciosa (CAMARGO, 2000b, p. 93).

Assim sendo, em outubro considerei que já estava mais que na hora de modificar minhas estratégias para envolver o maior número possível de alunos com a escrita de cartas pessoais, de modo que o silêncio de Manoel pudesse, ainda por cima, originar outras construções. Passei, então, como você sabe, a escrever uma carta específica para cada estudante. Dessa forma, “a correspondência pode ser tida como uma prática ritualizada na qual os indivíduos, confrontados com um conjunto de referências e modelos, devem classificar a realidade e reavaliar suas relações com os outros” (CAMARGO, 2000b, p. 56).

Ao reler minhas anotações e também a carta que escrevi para Manoel, lembrei de minha preocupação ao tentar compreender como o menino se relacionava com pessoas que não conhecia, uma vez que, ao menos comigo, ele evitava conversar, mostrava-se tímido e resistente. Então lhe escrevi:

Como passou a semana anterior com outra professora? Tinha alguém que você conhecia na mesma sala? Eu ajudei a professora Tamara na terça-feira e não conhecia quase ninguém. Você gosta de conhecer pessoas novas, Manoel? Quando eu era mais nova não gostava porque quase não falava com ninguém. Morria de vergonha só de pensar que teria que conversar com alguém que eu não conhecia. Ainda bem que aos poucos isso foi passando. Você tem vergonha de alguma coisa assim também?

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

Nessa mesma carta questionei a opinião de Manoel sobre a cor do papel que eu havia utilizado na produção da carta de modo a possibilitar que expressasse sua preferência:

Outra coisa que eu queria saber é se você gostou dessa folha colorida que eu escrevi a carta... Não achou muito chamativa? Não doeu seus olhos ler com o fundo colorido? Eu

tinha gostado tanto dessas folhas quando comprei, mas no final das contar acabei nem gostando tanto assim. Acho que enjoiei.

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

E ainda, após observar a classe, notei que a maioria dos alunos tinha dez anos de idade e, por isso, se comportavam ora como crianças ora como pré-adolescentes. Para tanto, aproveitei que essa troca de cartas ocorreria em outubro e procurei abordar em minhas perguntas como (e se) Manoel comemorava o dia das crianças, bem como era sua relação com a família através de um exemplo pessoal meu:

O que você vai fazer no dia das crianças, Manoel? Já pensou nisso? Eu lembro que quando eu era criança gostava de passear com meus pais. Eles me levavam para cima e para baixo, no parque, para empinar pipa, andar de bicicleta... Eu adorava. Pena que hora em dia nós não temos muito tempo para ficarmos juntos porque eu estudo quase durante todo o dia e eles trabalham demais. Mas sempre que podemos saímos para conversar. E como é a sua família? Tem muita gente que mora com você? Em casa mora eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Ah, tem meu cachorro também, mas não sei se ele conta.

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

Nossa, acabei de lembrar, através da leitura de meu diário de campo, a impaciência de Manoel ao escrever-me a primeira carta:

Manoel foi um dos primeiros a terminar de escrever, largou a carta em minha mesa e saiu correndo, nem sequer a dobrou. Pedi para que ele ao menos assinasse – “como vou saber que é você que me escreveu?” –, voltou correndo, pegou a carta e escreveu em cima da folha seu nome completo como está acostumado a fazer nas atividades escolares.

(Diário de Campo, 09 de outubro de 2009)

Essa carta que recebi não continha cabeçalho, tampouco uma despedida como eu estava (mal) acostumada a receber – “beijo” ou “abraço” –, mas haviam construções tão singulares e interessantes que até então eu não poderia identificar na escrita de Manoel pois nunca havia entrado em contato com ela. Então, escrevo-as agora para que não se percam nunca... A primeira consideração que preciso te deixar a par é que ele estruturou uma única pergunta como maneira de demonstrar interesse, curiosidade por mim: “voetanbentenumcachoro?”. A outra colocação peculiar que fez foi na despedida, momento em que escreveu “eu tem dois”, fazendo menção a existência de outro Manoel na classe que era identificado como Mannoel e ele como Manoel:

*Patrisia eu adorei cor da minha folha é verde muito legal e na
minha casa tem muita gemte voetanbentenumcachoro?*

eu tem dois

(Manoel, Carta, 05 de outubro de 2009)

Assim, como é possível não concordar com Freire (1996) que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade” (FREIRE, 1996, p. 136)??? Então, a fim de investir nessa nova relação por intermédio de cartas que desenvolvi com o aluno, entendi que

aprender a escrever (histórias, cartas, anúncios, a desenvolver argumentos por escrito, etc.) pode capacitar o aluno a representar melhor a realidade, comunicar seu pensamento e experiência a outros, confiar mais em si mesmo, estabelecer relações equilibradas e satisfatórias, etc. mas tudo isso só pode ser conseguido se, e apenas se, se aprende a escrever de modo que seja significativo para os alunos e estes possam encontrar sentido para isso. Nesse caso, escrever será o fruto de uma elaboração pessoal com a qual os alunos podem ir construindo a si mesmos e construindo suas próprias competências (COLL, 1996, p.102).

Logo, em meados de novembro, em minha carta seguinte para Manoel enfatizei pontos que, de acordo com o que eu observava nos dias em que acompanhava a classe, eu acreditava que despertariam seu interesse em me propiciar uma resposta:

Sabe, eu estava pensando... Você ficou bastante empolgado quando fez o tsuru⁵, né? Eu sei fazer mais algumas dobraduras, se você quiser, posso te ensinar a fazer. E falando no tsuru, você foi o único que lembrou da história que eu tinha contado sobre a menina que queria fazer mil garças. Fiquei bem feliz, você tem uma ótima memória, parabéns!

Deixa eu te perguntar, como foi o passeio no Sítio da Montanha? Fez muito sol? Você entrou na piscina? A professora Tamara disse que lá tinha uma tirolesa, você foi? Eu morro de medo desse treco, sabia? Uma vez eu fui em uma e quando cheguei no chão não conseguia ficar em pé porque as minhas pernas estavam bambas, acredita? Acho que eu tenho medo de altura. Você tem medo de altura, Manoel?

(Patrícia, Carta, 12 de novembro de 2009)

Na mesma carta ainda retomei a assinatura de Manoel em sua escrita anterior, porque achei de bom tom trabalhar com a questão da identidade e também porque tive medo de que o aluno estivesse com baixa auto-estima (espero que entenda que, para mim, essa questão de identidade do outro tem tudo a ver com a própria identidade e foi isso que eu quis trabalhar), já que eu tinha entendido que a “carta preserva vínculos na distância e configura um espaço através do qual se expressam e desenvolvem as identidades pessoais, familiares e sociais” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 22). Por isso, escrevi:

Na sua carta você escreveu que tem dois de você na classe. Não é verdade. O outro é Manoel com dois “N”. E vocês são muito diferentes! Na minha sala da faculdade tem outra Patrícia também. É engraçado porque é confusão que não acaba mais! Você gosta do seu nome? Antes eu não gostava do meu, porque quando me chamavam de “Paty” eu imaginava uma menina fresca e metida, sabe? Mas depois entendi que foi

⁵ Conforme consta em meu diário de campo, dia 23 de outubro de 2009 ensinei a Turma do Garfield a fazer um origami de uma garça (tsuru). Devo dizer que foi um tanto trabalhoso porque eu não tinha me dado conta de quem nem todos ali entendiam as instruções que eu dava por conta da falta de contato com aquele tipo de atividade, mas no final todos conseguiram. Ainda bem...

o nome que meus pais escolheram com muito carinho para mim e comecei a gostar.

Bem, vou parando a carta por aqui. E não esquece que Manoel só tem um na sala e que só tem você de Manoel no mundo que lembra da história do tsuru, que gosta de piadas, se interessa pela leitura do dia e mais um monte de coisas que só você sabe e pode fazer.

(Patrícia, Carta, 12 de novembro de 2009)

Então, Manoel respondeu minha carta com o auxílio da professora que buscou atenção aos pontos que constituem o gênero epistolar. Assim, nessa nova construção constavam o cabeçalho, uma saudação e o conteúdo – respostas às minhas questões, histórias que aconteceram em um passeio que eu não pude acompanhar, mas justamente a fala que mais me intrigava, aquela sobre o “*eu tem dois*”, Manoel não se deteve. Aliás, ele até:

Quando todos já estavam compenetrados respondendo minhas cartas, Manoel veio até a minha mesa e me perguntou o que eu quis dizer com “essa história de dois Manoéis”. Ele não se lembrara do que havia escrito para mim. Depois que ouviu a minha explicação soltou um “ahhhhh é mesmo” e saiu para conversar com a Tamara que o ajudava com a escrita.

(Diário de Campo, 13 de novembro de 2009)

(Consegue imaginar minha pequena frustração por ele não ter lembrado de suas próprias construções?).

Deixe-me transcrever agora a carta de Manoel:

comovose disse eu fui na tirolesa do sitio damontanha ositio da motanha fica em morungaba e eu não tenho medo de altura e também eu fui anda de cavalo eu tamba fecei pescando nalagoa e também com no azar. Sobeguei um peixinho minúsculo parecia um gerino etam bem quero sabe fazer outa dobradura.

(Manoel, Carta, 13 de novembro de 2009)

Repare, leitor, que “a carta possibilita – ao alcance das mãos – a ‘captura’ do tempo, em determinado dia e hora, desse modo, permite que cenas, episódios e acontecimentos sejam revividos e sonhos sejam projetados” (LIMA, 2009, p. 167). Aposto como você, assim como eu, se sentiu lá no Sítio da Montanha quando leu que Manoel só conseguiu pescar um peixinho minúsculo... Eu já disse em outra carta, mas torno a dizer que é uma maravilha quando se trata de aproximar as pessoas...

Bem, apesar da despedida não se fazer presente na epístola, Manoel se preocupou em enfeitar minha carta com desenhos e adesivos, fazendo o mesmo com o envelope, que recebeu nossos nomes nos locais corretos para tal. Depois que escreveu, conforme consta em minhas anotações do diário de campo e também na minha seletiva memória (seletiva porque meus amigos costumam dizer que eu só me lembro do que não presta, mas não estou tão certa de que eles têm razão), Manoel pediu para jogar um jogo de cartas comigo, sendo que nunca havíamos conversado pessoalmente direito... Logo, pense em uma pessoa realizada. Pensou? Foi assim que me senti naquela manhã.

No início de dezembro quando escrevi a última carta para o aluno já tínhamos desenvolvido nossa relação interpessoal: conversávamos mais, ele pedia meu auxílio nas atividades, mas não éramos o que posso considerar como melhores amigos (não tínhamos aquela coisa de passar horas conversando sem que o assunto acabasse ou qualquer coisa do tipo)... Por isso, lhe escrevi:

*Eu estou bem, muito obrigada por perguntar. E você?
Como está?*

Você conseguiu fazer a dobradura de sapo? Ou nem tentou? Eu peguei o saco mais fácil de fazer, tinha um outro com várias dobras esquisitas e ele nem pulava!

Na outra carta você escreveu que pescou (ou tentou pescar), eu não consigo pescar... Nenhum peixe gosta das minhas minhocas, nem dos pães, nada... Lembro uma vez que eu estava tentando fisgar um peixe, mas quando puxei a vara

tinha uma lagosta enroscada na minha linha. Fiquei traumatizada!

(Patrícia, Carta, 06 de dezembro de 2009)

Bem, só sei que no momento da aula destinado à resposta da carta muitos alunos ainda terminavam outras atividades, por isso, infelizmente, foram poucos os que me escreveram. Lembro que Manoel pediu um papel para a professora Tamara e recusou sua ajuda ao me responder a carta:

07/12/09

Pate eu Manoel adorei sua carta eu tomuito triste porque vose vai inbora ano civen você esta aquiou não tomara que seja sin Eu todo dia tento ficar tentano faze osapo o e muto difficill de fazer muito

Beijo Manoel

Felis natal e felis ano novo

(Manoel, Carta, 07 de dezembro de 2009)

Ah, quantas pequenas alegrias com esse menino... A carta propiciou um espaço para que Manoel se expressasse pessoalmente e afetivamente. Sendo assim, você há de concordar que foi um instrumento de fundamental importância, uma vez que dentro do ambiente escolar nossa relação aprofundava-se nos escritos, nos desenhos dos envelopes, nos adesivos...

Bem, agora deixe-me despedir rapidinho... Ainda há muito o que fazer hoje. Preciso aproveitar meu momento *carpe diem* e arrumar meu quarto, responder meus e-mails atrasados, ler, escrever, passear com o cachorro e tomar uma boa dose de coragem para enfrentar meu dia amanhã...

Cuide-se, leitor. Agasalhe-se porque, pelo visto, o frio veio com vontade. Volto a te escrever assim que possível.

Cordiais saudações,

Patrícia

Carta IX: AMIGO LEITOR, dos encantos da escrita de Renata

Campinas, o meio frio de maio de 2010

Amigo Leitor,

Aceita uma xícara de leite com mel? Há dias que não faço outra coisa senão espirrar... Já virou rotina sair de casa com o nariz vermelho e uma caixa de lenços debaixo do braço. E olha que eu nunca fui de ficar muito doente, viu? Tenho um amigo que diz que eu preciso comer mais coisas gordurosas quando fico doente, porque só essa coisa de alfacinha com arroz integral não está com nada. Talvez ele tenha razão, acho que vou chamá-lo para comer uma porção de batatas fritas hoje... Oh, desculpe, leitor... Fico aqui divagando e esqueço da vida... Ou melhor dizendo, assim como Lima (2009) acho que “a escrita se confunde com meu próprio eu, essa é a sensação que tenho! Sempre considerei que sabia me expressar melhor quando escrevia” (LIMA, 2009, p. 168)...

Pois bem, há uma vida acontecendo lá fora e eu não posso aproveitá-la porque estou doente... Então, o melhor a fazer é te escrever, leitor (na verdade, o melhor mesmo é dormir, mas, pelos meus cálculos, nesses últimos dias eu consegui dormir mais do que costumo no ano inteiro! Acho de bom tom eu fazer outra coisa...), já que o que tenho hoje para te contar é de encher os olhos, abrir o sorriso e também, espero, um ótimo remédio contra gripes e resfriados...

Hoje escreverei sobre a Renata. A Renata que passou a fazer parte da Turma do Garfield ao final do primeiro semestre, pois até então estudava em uma escola estadual da região. A Renata que era participativa, que interpretava, lia e escrevia com autonomia. Aquela Renata que estava sempre em busca de livros, CDs e outros materiais que pudessem auxiliar o trabalho da professora Tamara. A Renata, ainda, que sempre teve uma relação muito afetiva e receptiva comigo.

A primeira carta que recebi dessa Renata foi enviada em agosto em resposta àquela minha escrita que tinha como principal questão como os alunos haviam passado o período de férias, sabe? No envelope constavam os nomes completos do destinatário e do remetente nos locais convencionais, bem como anotações com canetas coloridas, como “*eu te adorei*” (que, aliás, achei uma construção interessante, vai ver que é porque eu sempre escrevi “eu te adoro” e nunca pensei

em usar “*eu te adorei*”) e “*você é muito legal*”, adesivos e desenhos. Renata escreveu direitinho a formatação da carta: cabeçalho, saudação, conteúdo e despedida. Aqui faço uma ressalva para contar que na carta que escrevi para a classe, iniciei-a com “*querida Turma do Garfield*” e Renata construiu a sua com “*querida Patrícia*”. Diga-me, leitor, se esse não é um indício de que ela se apropriou da minha escrita?

Bom, é importante destacar que, apesar de conversarmos bastante pessoalmente, as falas escritas por Renata me eram totalmente desconhecidas. Assim, descobri em qual escola ela estudava antes:

Falta do CPZV eu não senti muito porque eu não estudava aqui eu estudava la no PCFB, você sabe na onde fica? Fica la no parque univercitario

(Renata, Carta, 25 de agosto de 2009)

Como havia aproveitado as férias:

Vou contar um pouquinho das minhas férias eu acordava tarde tomava café depois eu colocava o cochão pra mim deitar e era assim todos os dias.

(Renata, Carta, 25 de agosto de 2009)

E, além dessas informações, Renata foi, a partir de um questionamento que escrevi na carta para a classe – “*e vocês? Como se sentem recebendo minhas cartas? Posso continuar escrevendo?*” –, segundo Bakhtin (2003), capaz de compreender a enunciação realizada orientando-se em relação a ela, para que fosse possível corresponder palavras adequadas que dialogaram com as que eu utilizei, uma vez que a menina escreveu:

No momento eu não lembro da carta porque eu não estudava aqui, eu também sinto uma sensação muito gostosa de escrever de ler etc... eu me sinto muito bem recebendo suas cartas... mais é claro que eu quero continuar recebendo suas

cartas... (...) você não falou demais não e eu gostei muito de saber um pouco da sua vida.

(Renata, Carta, 25 de agosto de 2009).

Através de um olhar informado, notei que Renata apropriou-se da minha escrita no momento da despedida, já que escreveu *“um beijo e um abraço enorme. Assinado: Renata”* próximo à forma como eu me despedi na carta: *“um beijo enorme. Assinado: Patrícia”*. Assim, a aluna exemplificou concretamente o que Geraldi (1997) escreveu:

O sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que dela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas (GERALDI, 1997, p. 6).

(Abro esses parênteses para contar que na época dessa escrita, Renata me tratava em conversas orais por *“Patrícia”*, mas passado algum tempo de convivência, começou a me chamar pelo apelido *“Paty”*. Desculpe a quebra no raciocínio, mas foi algo que me veio à mente agora e tive medo de perder no meio da minha bagunça metal pessoal).

Continuando... A segunda carta que Renata me enviou foi datada duas semanas após eu ter escrito uma nova correspondência para cada um dos alunos. O envelope não continha o nome do remetente e, quanto ao destinatário, não havia a inscrição do nome em si, mas, eu sabia que ela era a remetente. E vou até te explicar o por quê: por causa das inscrições no envelope: *“Pati te adoro”*, *“Pati espero que você goste”* e *“Pati eu tirei essas poesias que eu gosto do livro mensagens de amor”*. Simples assim, viu?

A carta continha o cabeçalho completo e a mesma saudação da construção passada – *“querida Patrícia”* –. Entretanto, logo em seguida da saudação, Renata escreveu *“Oi Pati tudo bem?”*, em referência à maneira como passou a me chamar pessoalmente. Ao elogiar o empenho na confecção da carta e questionar sobre o motivo que levou a menina a mudar de escola, recebi a seguinte resposta:

Eu também adorei suas cartas, e outra eu fiz o melhor pra você gostar da carta, é mesmo eu nunca recebi cartas sua,

porque eu estudava em outra escola... Mais eu achei muito legal essa coisa de cartas, na outra escola não tinha essa coisa de carta. Eu mudei de escola porque, eu e minha mãe queria ir para uma casa melhor ai agente veio para ca.

(Renata, Carta, 23 de outubro de 2009)

Além disso, Renata trouxe mais duas informações que, até então, eu desconhecia:

Eu tenho mesmo um peircing na orelha, e não doeu não, já faiz uns 2 anos ou mais que eu furei.

(Renata, Carta, 23 de outubro de 2009)

E...

Pati quero te mostrar algumas poesias que eu gosto.

“Comentam por aí que o coração não tem fala. É por isso que ele é mudo. Pois sabia que, quando a boca fala, ele é quem diz tudo”. (...)

(Renata, Carta, 23 de outubro de 2009)

Bom, o trecho acima, leitor, remete-me a afirmação realizada que li em Soligo (2005) acerca de estudos de Foucault (2006) de que a carta enviada atua sobre o próprio gesto da escrita daquele que a remete, bem como atua na leitura e na releitura daquele que a recebe. Logo, ao compartilhar comigo os escritos de que gostava, Renata utiliza-se da

inter-relação entre textos, a confrontação, o diálogo que o autor estabelece com outros textos, a interxtualidade, tem um sentido de compreensão. No âmbito da carta, das trocas, a dialogia “quase sem fim”, podemos considerar, com Bakhtin, que “qualquer tipo de compreensão deve ser ativo e conter já o germe de uma resposta” (CAMARGO, 2000b, p.62).

E, não sei quanto à você, mas para mim ficou claro que “nas cartas podemos inserir epígrafes, poemas, anedotas, fofocas, trechos de outras cartas, textos outros,

de diferentes gêneros. Tudo o que enriqueça, ilustre ou esclareça o que estamos dizendo" (SOLIGO, 2005, p. 349).

A última epístola que recebi de Renata foi colocada em meu envelope do painel do correio quatro dias após eu ter enviado as cartas individuais aos alunos já que a menina havia faltado. Assim, não havia um envelope próprio, a carta fora dobrada e a menina utilizou-se do recurso "*de: Renata, para: Paty*".

Acerca dessa construção inicial é importante que você saiba que a aluna se apropriou do apelido que utilizei para me identificar na carta, já que foi a primeira vez que me despedi com "*beijos, Paty*" e não mais com "*beijos, Patrícia*", fato que possibilitou que Renata reformulasse sua escrita, pois na carta anterior havia usado o vocativo "*Pat*". Assim, concordo com Cunha (2002) que a carta é capaz de anunciar a intensidade do relacionamento entre os envolvidos e, também com Bazarim (2006) quando coloca que a demonstração da afetividade pode ser considerada uma estratégia interacional porque, através de mecanismos lingüístico-discursivos permite uma maior aproximação dos sujeitos, já que "pressupõe um sentimento de dedicação e carinho que é dirigido ao interlocutor" (BAZARIM, 2006, p. 72).

Sobre a escrita da carta em si, a aluna se dispôs a realizá-la no computador, uma vez que, conforme as anotações em meu diário de campo, Renata conta que

eu estava meio sem tempo de escrever à mão, daí pedi para a minha mãe se eu podia usar o computador para te escrever e ela deixou.

(Diário de Campo, 24 de novembro de 2009)

Bem, acho que você, leitor, já me conhece bem o suficiente para saber que eu não pulei de alegria quando vi que a carta de Renata fora digitada no computador (se bem que eu não podia reclamar muito, porque eu também tinha datilografado algumas)... Afinal, o que sempre me tocou nas cartas foi a possibilidade de enxergar, ouvir e sentir aquele que me escreve... Eu, que sempre fui muito observadora, olhava cada vírgula, cada desenhinho nas escritas que recebia e eu sabia que aquelas marcas estavam ali por algum motivo... Elas podiam chamar minha atenção para um fato novo, podiam assinalar um descuido, podiam me

mostrar um gosto ou desgosto de quem me escrevia... É, acho que eu penso igual à Soligo (2005):

Talvez as mensagens escritas com os mais avançados recursos de computador não tenham poder de substituir o encantamento das cartas escritas à mão, passadas a limpo, com letra caprichada, em papel escolhido, dobrado com cuidado, inseridas no envelope subscrito e revisado várias vezes, postas no correio depois da espera em fila etc etc. Deve haver nesse ritual um tal empenho de energia, que, para o bom ou para o mal, o destinatário sente ao receber. E, se desconsiderarmos essa história de energia, por falta de suficiente validação científica, digamos que o destinatário sente que há mais empenho no ritual da carta que segue pelo correio do que nas facilidades da Internet (SOLIGO, 2005, p. 346-347).

Mas, entretanto, contudo, todavia, Renata conservou (e quando percebi isso quase bati palmas de felicidade) suas características, seus erros de ortografia, sua escrita bem delineada com marcas de oralidade... Além disso, ela se preocupou em mostrar-se na carta ao desenhar corações e molduras que, infelizmente, meu caro, não conseguirei reproduzir com tamanha precisão, mas posso, como das outras vezes, transcrever a carta que recebi, o que acha?

Mas antes, deixe que eu reescreva um trecho da epístola que eu enviei à Renata para que você observe desde o início o diálogo que ela construiu com vários pontos de minha escrita:

E essa história do José, hein? Está te atrapalhando muito? É por isso que você está faltando bastante? Faz tempo que não vejo vocês dois na classe. Sabe, às vezes eu tento fazer ele parar de mexer com você, mas... é meio difícil, né? Quando é assim, pode falar com a Tamara. Nem ele e nenhum dos meninos podem tirar a sua concentração como eles estão fazendo.

(Patrícia, Carta, 12 de novembro de 2009).

Renata, então, escreveu da seguinte forma:

Mais é como vc vê o José e os outros meninos não para de me enche o saco e eu já estou cansada, na Educação Física é um saco eles não para de me perturba não só a mim a

Lorena também, até que perdi a paciência e parti pra inguinorancia e eu e a Larissa bateu neles... desse dia em diante eles comesaram a chamar agente de BOMBA MAXTER (O significado de BOMBA MAXTER é mulher que bati que nem homem) vc acredita? E toda Educação Física é do mesmo jeito (ou seja eles chiga agente sai correndo e eu e a Larissa peles e da uma surra) Mas agente já percebeu que não adianta então nós finge que nem esta ouvindo(mas da vontade de pegar eles pelo pescoço e esgana) mais nós se seguramos, aiii quando a paciencia esta no fim a aula acaba e nós vamos embora...

(Renata, Carta, 19 de novembro de 2009)

Veja bem, amigo leitor, eu já sabia que alguns meninos da classe estavam “brincando” demais com a Renata, mas não fazia ideia de que as brincadeiras haviam chegado a tal ponto! E como eu saberia disso se eu não freqüentava as aulas de educação física? Só mesmo as cartas para me ajudarem a conhecer melhor os alunos que acompanhei, viu? Claro que eu não posso me esquecer de que essa escrita em que Renata se queixa, narra e expõe uma dificuldade só foi possível porque houve um envolvimento da menina com o gênero epistolar que tanto foi apresentado pela professora Tamara quanto por mim, e também porque ela se permitiu escrever sobre isso...

Bem, passado o momento de resposta à minha escrita, Renata realizou uma série de perguntas:

Até agora só falei dos meus problemas né? Paty eu quero saber um pouco mais de vc nas suas cartas vc pode contar pouquinho da sua vida? Vc tem irmã ou irmão? Na onde vc mora? Vc mora com seus pais? Vc tem namorado? Vc é casada?

(Renata, Carta, 19 de novembro de 2009)

A propósito de uma inquietação minha em saber como Renata enxergava a relação através da escrita de cartas, após narrar como me surgiu a ideia de troca de correspondência, questionei-a sobre o assunto através da seguinte construção:

E foi por isso que eu decidi que meu trabalho para a faculdade seria sobre cartas. Você disse que gostou da minha idéia... Que bom. Fiquei feliz. Você também gosta de escrever desse jeito? É diferente de escrever textos informativos, né? Mas, por que será se é escrita do mesmo jeito.

(Patrícia, Carta, 12 de novembro de 2009)

Em resposta, veja que graça, Renata colocou:

Nem precisa pergunta eu adoro escrever desse jeito e sabe porque texto informativo é diferente? É porque em uma carta agente fala como é nossa vida, dos nossos problemas, das nossas aventuras, dos momentos felizes da vida, dos momentos tristes da vida etc... já um texto informativo agente vai ta informando algo inportante ou da sua vida etc... é porisso que é diferente, pelo é o que eu acho.

(Renata, Carta, 19 de novembro de 2009)

Assim, a menina escreveu com as próprias palavras o que Kaufman & Rodriguez (1995) colocam:

Cartas familiares ou amistosas, isto é, aqueles escritos através dos quais o autor conta a um parente ou a um amigo eventos particulares de sua vida. Estas cartas contêm acontecimentos, sentimentos, emoções, experimentados por um emissor que percebe o receptor como "cúmplice", ou seja, como um destinatário comprometido afetivamente nessa situação de comunicação e, portanto, capaz de extrair a dimensão expressiva da mensagem (KAUFMAN & RODRIGUEZ, 1995, p. 38).

É importante ainda salientar, leitor, que essa última carta escrita no computador possibilitou que Renata se apropriasse de formas comumente utilizadas na linguagem digital, como, por exemplo, "vc" e "pouquinho", no lugar de "você" e "pouquinho". Tavares (s/d), ao analisar a escrita de e-mails de uma pré-adolescente

constata a presença de vocábulos semelhantes e, sobre eles escreve que “é comum as crianças utilizarem determinadas palavras de forma abreviada em seus escritos. Isto não quer dizer que elas desconheçam a palavra na linguagem formal, mas apenas que elas têm o seu jeito próprio de escrever” (TAVARES, s/d, p. 8). Interessante, não?

Além disso, Renata trouxe nessa última carta diversos elementos que eu desconhecia, mas que travaram um diálogo com meus escritos quando, em um primeiro exemplo, questioneei por que ela estava faltando tanto às aulas:

Paty não estava me vendo muito na sala porque meu tio sofreu um acidente lá em Santa Catarina, e minha mãe teve que ir pra lá busca ele e minha vó que foi pra lá pra cuida dele, eu não pude ir então fiquei em sumare na casa da minha tia aii eu tive que falta um semana...

(Renata, Carta, 19 de novembro de 2009)

E quando comentei que tinha um caderno guardado há muitos anos com poesias e músicas:

Eu tambem tenho um cader de escreve Música e Poesia... Ah já ia me esque sendo as vezes os meninos me atrapalham demais eu falo com a Profª Tamara mais eles só param na hora depois continuam e é porição que as vezes eu falo demais... e eu achei muito legal sua poesia.

(Renata, Carta, 19 de novembro de 2009)

Repare, meu amigo, que no trecho acima Renata utilizou o marcador “ah” que, de acordo com Bazarim (2006),

aponta para uma ação de envolvimento do escrevente com o que está sendo dito e com o destinatário. As ocorrências desse (recurso) além de iniciar aquilo que poderia ser chamado de um turno, caso se tratasse de um texto oral, têm como objetivo incluir uma informação importante que parecia ter sido esquecida, mas que não poderia deixar de ser mencionada (BAZARIM, 2006, 79).

Agora, me escreva sem demora, por favor, e me diga que gostou dessa carta, que se encantou com a Renata da mesma forma que eu... Caso contrário, vou pensar que você sequer recebeu essa minha escrita e me sentirei um tanto frustrada assim como me senti com a Renata, pois não consegui entregar minha última carta para ela... Uma pena, mas coisas assim acontecem... Então, me alegre um pouco, vai? Preciso ainda mais de um alento seu quando estou aqui presa e resfriada...

Um beijinho,
Patrícia

PS: Mas, veja só, me despedi com um “*beijinho*” e acabei de lembrar que Bazarim (2006) escreve que usar as palavras no diminutivo não é um sinal de infantilização, viu? Expressões assim podem ser utilizadas “a fim de amenizar as possíveis tensões e manter o tom amigável da interação” (BAZARIM, 2006, p. 73)... Bom, como não há tensão alguma entre nós, leitor, considere que eu te mandei um “*beijinho*” só para mostrar que tenho um afeto enorme por você, tá?

PSS: É impressão minha ou eu **realmente** acabei de analisar a minha própria escrita?!

**Carta X: LEITOR,
preciso que me ajude a refletir sobre a escrita de Tuani**

Campinas, final de maio de 2010

Leitor,

“Esperei sua carta em vão. Muita coisa fica melhor explicada em carta. Se a gente pudesse olhar para a cara de quem está escrevendo em vez de olhar para a carta, as vergonhas seriam todas reveladas. Somos todos muito sem-vergonhas” (SABINO, 2002, p. 140). Antes que você entenda algo errado, preciso explicar que peguei esse trecho para que você saiba que não é o único sem-vergonha que deixa de escrever aos amigos... Quando é que você vai me escrever, hein? Até entendo que persistir em te enviar cartas na era da informática parece um tanto bobo de minha parte, mas o que posso fazer se **nem isso você me diz?!?**

Mas, não. Não pense que estou exatamente brava com essa sua ausência toda (mas veja que te chamar friamente de “leitor” no começo da carta não foi mero recurso lingüístico, havia toda uma intenção maldosa naquilo). Estou de certo é angustiada, isso sim. A graça das epístolas é justamente aguardar uma resposta de um destinatário conhecido, amigo até. Mas o que eu faço com os meus sentimentos que pressentem que novamente não receberei resposta alguma sua?...

É certo que vou guardá-los escondidos de mim por mais um tempo porque há algo que urge, grita e esperneia dentro de minha cabeça e **PRECISO** contar para alguém, já que “quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo exactamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa ouvimos o que estamos a dizer” (FOUCAULT, 2006, p. 145). E, felizmente, ou não, escolhi **justamente** você para me ouvir. Portanto, peço ao menos que me leia e mande um pensamento bom já que segurar uma caneta e me escrever nunca te ocorre...

Pois bem, no ano passado, conheci a Tuani. Muito simpática e falante foi uma das primeiras crianças que me acolheu na classe. Lembro que ela sempre perguntava minha opinião sobre os textos que produzia, queria saber sobre minha vida e me contava um tanto da vida dela... E, além disso, das cinco cartas que eu enviei, ela respondeu quatro (prática bem diferente de um outro alguém que eu conheço)!

A primeira epístola (não vou falar novamente que era aquela em resposta à minha e blá-blá-blá... Hoje estou apática com você, leitor)... Foi colocada dentro de um envelope bem verde e direitinho (ao invés de usar o recurso “de.” e “para.” como a maioria dos alunos fez, ela escreveu “Remetente: Tuani” e “Destinatário: Patricia”) que a própria menina havia confeccionado. Tuani escreveu o cabeçalho, me chamou de “Patricia” e, antes de se despedir com “beijos e abraços”, me contou um bocado de informações que desconhecia da menina. Eu soube, então, onde ela morava, que gostaria de ser veterinária quando crescesse para poder cuidar dos animais e também que:

Eu venho para a escola, muito feliz porquê eu sei que eu vou aprender mais.

Eu gosto de ter alguém para conversar e para brincar comigo.

(Tuani, Carta, 15 de junho de 2009)

A partir da segunda carta comecei a notar que as escritas da menina eram um tanto curiosas... Veja bem, a Tuani nunca deixou de escrever o cabeçalho, um vocativo e uma despedida nas cartas que me enviou, mas, percebo agora, leitor (nada de “querido leitor” hoje, estou com raivinha de você), mas me parecia que as correspondências da menina eram escritas como se, apesar de travarem um diálogo com as minhas, não havia uma conversa dentro da própria carta (deu pra entender?)...

Olha, vou ser boazinha e te mandar como exemplo um trecho da segunda carta que recebi:

Sim me lembro muito bem da carta.

É muito bom mesmo ser próximo de você.

É verdade é muito gostoso fazer isso.

Claro que pode continuar escrevendo.

Eu também não consegui resisti.

Não não quero saber mais nada

(Tuani, Carta, 29 de agosto de 2009)

Fez sentido agora o que eu escrevi? Veja, sei que a ideia de se escrever uma carta é estabelecer um diálogo, mas tive que franzir a testa quando li “*é verdade é muito gostoso fazer isso*” e “*eu também não consegui resistir*”... O que mesmo era gostoso de fazer que eu havia escrito na carta que Tuani recebeu? O que ela não conseguiu resistir? Outro ponto que me chamou atenção foi que nessa carta ela tanto só respondeu o que eu perguntei que haviam apenas frases soltas, uma em cada linha da página...

Mas, é claro que eu não poderia deixar de lado os outros tantos elementos que Tuani me enviou nessa carta. O primeiro, sem dúvida, foi que ela respondeu a minha epístola! É, é isso mesmo... Explico: no dia em que eu entreguei as cartas para as crianças, Tuani havia faltado! Deixei o seu envelope e das outras crianças ausentes com a professora Tamara, mas não coloquei muita fé que eles iriam me responder... E, diga-se de passagem, dos quatro que tinham faltado, somente ela me escreveu! Uma fofa...

Ela ainda escreveu no envelope uns coraçõezinhos cor de rosa (uma graça), além da construção “*De: Tuani*”, “*Para: Patrícia*”. Na carta, fui chamada de “*querida Patrícia*” e dei uma pequena risadinha com:

*Não não quero saber mais nada. Patrícia não tem nada
que eu precise para você me ajudar. Brigada.*

(Tuani, Carta, 29 de agosto de 2009)

Além disso, fiquei deveras emocionada quando vi que, no final da carta, Tuani desenhou outros vários coraçõezinhos e escreveu “*te amo*”...

Bom, leitor, na correspondência seguinte comecei a perceber que talvez o problema não fosse com a escrita da menina, mas sim com a minha! E é exatamente sobre esse ponto que eu gostaria de discutir com você...

Pois bem, mandei uma carta cheia de perguntas sobre o papel colorido que usei, o dia das crianças e sobre o sistema de rodízio de professoras. Na verdade, eu tinha em mente que a Tuani iria me escrever novamente do modo mais prático: apenas respondendo. Eu não estava de todo errada, apesar das ideias terem um pouco mais de coerência, se você observar com um olhar clínico (ou, como o meu querido orientador costuma dizer, um olhar informado) perceberá que a parte da carta da Tuani que mais tem sentido por si mesma é o começo quando escreve:

eu também adorei ler sua carta. eu achei muito legal esse papel colorido nota 10, é porquê essas folhas são caras, eu também tenho folha colorida. Não, esta cor não está me atrapalhando para ler. Eu acho que deve continuar com esse papel colorido.

(Tuani, Carta, 09 de outubro de 2009)

Mas perceba que tal escrita só foi possível a partir das perguntas que eu lancei:

Adorei ler sua cartinha. E você? O que achou de receber uma carta com esse papel colorido? Na verdade eu queria ter comprado um pacote de folhas coloridas, mas não precisava ser tão escandalosas assim, né? Essa cor está te atrapalhando para ler? Qualquer coisa, na próxima carta eu escrevo em um papel normal para ninguém precisar levar susto ao abrir o envelope. O que acha?

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

Acho que o maior indício da conversa que Tuani travou com a minha carta está no trecho "*nossa então estava cheia mesmo. Sim gosto muito de conhecer pessoas novas*", de modo que na primeira frase ela enfatiza o espanto através da locução "*nossa*" (comum em conversas orais) ao saber através da minha carta que a sala da professora Tamara estava lotada no dia do rodízio... Bem, de acordo com Bazarim (2006), a expressão representa um marcador discursivo que mostra "como se deu a manifestação de interesse pelo interlocutor (...), pois nessas mensagens há influência das estratégias utilizadas em gêneros orais como a conversa, por exemplo" (BAZARIM, 2006, p. 78)...

Agora, leitor, leia com atenção à minha construção:

Você viu que o dia das crianças está chegando? Já sabe o que irá fazer nesse dia? Como lá em casa não tem mais criança, a gente quase não lembra de comemorar. Lembro que

quando eu era menor adorava sair pra passear com meus pais e minha irmã. Mas agora que eu e ela crescemos e estudamos em períodos diferentes, fica muito difícil todo mundo se encontrar para conversar ou sair. Sinto muita falta disso. E você? Como é com a sua família? Você mora com sua mãe e seu pai? Tem irmãos? Se vêem todos os dias?

(Patrícia, Carta, 05 de outubro de 2009)

E o trecho da carta da Tuani que a responde:

Sim esse dia é o melhor. Não eu não sei o que vo fazer. Eu aproveito eu ainda sou criança. a jente se diverte bastante. Não minha mãe é ceeparada do meu pai. Eu tenho um irmão lindo, loiro, olhos azuis e branquinho igual a neve. Sim.

(Tuani, Carta, 09 de outubro de 2009)

Repare, leitor, que a menina respondeu exatamente ao que eu perguntei... Na mesma ordem, sem tirar e nem por. Acho que é por isso que eu estranhei tanto ao ler as construções da Tuani, porque, quando eu enviei a carta, eu estabeleci – ao menos para mim – uma sequencia lógica de perguntas que partiam do dia das crianças, passando pelo contar como eu me relacionava com a minha família e, assim, chegando em como era a família da Tuani. Assim, leitor, que a partir dessa escrita posso dialogar com Bakhtin (2006) quando coloca que:

Como a palavra, a oração é uma unidade significativa da língua. Por isso, cada oração isolada, por exemplo, “o sol saiu”, é absolutamente compreensível, isto é, nós compreendemos o seu significado lingüístico, o seu papel possível no enunciado. Entretanto, não é possível ocupar uma posição responsiva em relação a uma posição isolada se não sabemos que o falante com essa oração tudo o que quis dizer, que essa oração não é antecedida nem sucedida por outras orações do mesmo falante (BAKHTIN, 2006, p. 287).

Dessa forma, tudo fica mais claro, leitor! Sei que você não disse nada, mas só de escrever para você consegui reorganizar meus pensamentos, porque eu estava na dúvida se a menina tinha conseguido se apropriar **mesmo** do gênero cartas como a professora Tamara havia comentado:

(...) como o caso da Tuani também... Que escreve a carta, mas como se estivesse respondendo perguntas, então acaba não produzindo o texto da carta, mas produzindo perguntas. Mas eu acho que houve apropriação do gênero, sim... Não, com certeza houve. (...) O que é interessante é que assim: alunos que em outros gêneros escrevem bem, eles – não todos – mas alguns... Alguns que escrevem bem outro gênero não se apropriaram com tanta intensidade na produção do que alguns dos que não produzem o texto porque são resistentes a produzir, tem dificuldade na produção escrita, mas que na carta se apropriaram do texto...

(Tamara, Entrevista I, 2009)

E eu penso como a professora Tamara, porque, veja bem, ela sempre escreveu a carta em seu formato correto, com o cabeçalho, a saudação, o conteúdo e a despedida... Mas, ao mesmo tempo, também concordo com Geraldi (1997):

Construir sentidos no processo interlocutivo demanda o uso de recursos expressivos: estes têm situacionalmente a garantia de uma semântica; e tem essa garantia precisamente por serem recursos expressivos que levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão, e este processo depende também das expressões usadas e não só de supostas intenções que o interlocutor atribua ao locutor (GERALDI, 1997, p. 10).

O que você acha, leitor?

Bom, deixe-me analisar a última carta da menina para que você tenha mais elementos que o levem a concluir qualquer coisa... Nesse momento, transcreverei na íntegra tanto a carta que enviei quanto a que recebi de Tuani:

*Eu estou bem, um pouco cansada, mas bem. E você?
Continua bem?*

Como foi o passeio no Sítio da Montanha, hein? Eu sei que já perguntei, mas a Tamara falou que vocês se divertiram tanto que eu até me arrependi de não ter faltado da minha aula

para ir com vocês. Fez bastante sol, né? Tinha algum monitor acompanhando?

Quando eu estava na escola adorava esses passeios. Parecia que eu ficava ainda mais amiga das pessoas da minha classe, porque eu sempre conhecia um pouquinho mais de alguém nos passeios. Com você é assim também?

Você contou na carta que tem um irmãzinho. Que legal. Eu sempre quis ter um irmão. Mas eu queria que ele fosse mais velho que eu para me proteger. É que quando eu era mais nova, tinha um amigo que tinha uma irmãzinha. Ele vivia cuidando dela. Eu também queria alguém assim. E você?

Há uns dias eu estava lendo as outras cartas que você me mandou. A primeira a gente nem se falava direito! Foi bem no começo do ano. Mas é legal porque sempre que você responde minhas cartas parece que eu te conheço um pouco mais.

O que você gosta de fazer quando está em casa, Tuani? Você usa o computador? Eu gosto de colecionar frases bonitas dos livros que leio. Mas ultimamente ando sem tempo para ler... É tão ruim não conseguir fazer o que a gente gosta, né?

Você gostou do passeio de terça-feira, Tuani? Eu aprendi um monte de coisas sobre Campinas. E você? Do que você mais gostou?

Bem, vou ficando por aqui. Espero por sua cartinha. Aliás, se você quiser me escrever mesmo sem ser o dia das cartas, pode colocar lá no meu envelope, tá? Vou gostar muito de receber qualquer escritinho seu....

(Patrícia, Carta, 12 de novembro de 2009)

E:

Eu estou cansada também e esse sol deixa a gente ainda mais cansada.

Continuo bem sim, e você?

O passeio do sítio da montanha foi muito legal, principalmente nas atividades. Estava muito bom aquele sol.

Sim tinha um monitor em cada turma, eu fiquei com o tio meleca 2.

É porquê eu não conheso direitinho eles.

É mas, eu sou ao contrário porquê, sou eu que tenho que proteger meu irmão ele é tão lindo.

Eu gosto de assitir a teve quando eu estou assistindo eu nem pisco o olho.

Muito dificio de eu entrar até pra vê como meu MSN e o meu ORKUT eu acho que eles etão abandonado.

Muito ruim né.

Fui muito legal aprender sobre escolas nas garagens. Eu também aprendi um monte de coisas. Eu gostei quando estava montando o peneu e no lava-rapido.

Esta bem eu coloco no seu envelope.

Se você quiser escrever uma cartinha pra mim só colocar no meu envelope laranja.

(Tuani, Carta, 13 de novembro de 2009)

A meu ver, leitor, o único ponto que faltou nas cartas de Tuani foi a compreensão de que:

Devolver a palavra ao outro implica quere escutá-lo. A escuta, por seu turno, não é uma atitude passiva: a compreensão do outro envolve, como diz Bakhtin, uma atitude responsiva, uma contrapalavra. O diálogo que se pode dar a partir da curiosidade das questões formuladas produz um texto co-enunciado (GERALDI, 1997, p. 178).

Uma vez que, enquanto remetente, é preciso se fazer entender através da escrita. Mas, sabe o que eu acho? Que se eu e a professora Tamara insistíssemos um pouquinho mais a Tuani conseguiria facilmente passar de autora de uma carta com respostas para autora de uma correspondência com conversa, diálogo... Porque é como a Tamara disse:

Eu acho que assim, o grande sentido das cartas pra eles, é porque aquilo não era uma escrita escolarizada e aí, eu acho que é exatamente por isso que os alunos que não produziam começaram a produzir, né? Começaram a produzir e falar deles... Até se preocupavam com a questão do gênero, que não era uma preocupação de muitos ali que não escreviam, não era uma preocupação se estava se adequando ao gênero ou não. Já os alunos que tinham uma produção acadêmica, digamos assim, melhor, mais avançada, eles pensavam no conteúdo e pensavam na forma também. Eu acho que eles pensavam no conteúdo e na forma, o Gustavo, por exemplo, é um exemplo disso. E a Tuani, ela se encaixa nesse grupo só que, eu não sei se ela conseguiu se desvincular da atividade, assim, não é de se entregar, de ver aquela atividade como atividade formal da escola, sabe? E aí, porque assim, ela era uma ótima aluna, mas ela estava em um formato, de um modelo tradicional de escola... Era tudo muito certinho, tudo dentro daquele formato. Mesmo as produções de texto dela, a questão da ousadia era mais difícil de aparecer. Então assim, ela tinha poucos erros de ortografia, poucos erros de pontuação, mas ela em termo de um texto mais criativo era mais complicado.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Então, talvez se eu tivesse colocado mais expressões como "*mudando de assunto*" e "*falando nisso*", por exemplo, a escrita da menina fosse mais concisa... Mas creio que percebi isso muito tarde, porque essa foi a última epístola que a Tuani me enviou... Uma pena, não? Isso fica como lição para, em um futuro próximo, quando eu tiver a minha própria classe, trabalhar melhor com as crianças. Afinal, não dizem por aí que é com os erros que mais aprendemos?

Bom, leitor, acho que por hoje chega. Sei que comecei a te escrever com muita braveza, mas acho que agora entendi de vez o que Foucault (2006) coloca que "por meio dessas lições escritas (cartas), Sêneca continua a exercitar-se por si próprio, em função de dois princípios que invoca frequentemente: que é preciso

aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria” (FOUCAULT, 2006, p. 146). Escrever para você me ajudou a enxergar meu objeto de estudo – as cartas de Tuani – de outra maneira, por isso, obrigada. E até uma próxima vez...

Abracinhos,
Patrícia.

PS: Mas que eu ainda acho muita sem vergonhice da sua parte nunca me escrever, ah, isso é verdade.

**Carta XI: MUITO QUERIDO LEITOR,
das lições que aprendi**

Campinas, junho (finalmente), 2010

Muito Querido Leitor,

É aqui nesta carta que meus pensamentos se fundirão. É nesta escrita minha que as vozes de Danilo, Manoel, Gustavo, Tuani e Renata serão reafirmadas através das escritas das outras tantas crianças que me acompanharam embaixo de chuva ou sol em 2009. É também aqui que darei espaço para as Patrícias: a quase professora, a que é filha, irmã, amiga e aquela outra que tem suas felicidades, seus sonhos e seus amargos de derrota. É aqui que finalmente escuto a música de Benil Santos e Raul Sampaio na voz de Renato Russo e sinto as palavras, uma a uma, puxando os fios da teia que tecerei nesta correspondência: "escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor. Porque veio a saudade visitar meu coração. Espero que desculpes os meus erros, por favor. Nas frases desta carta que é uma prova de afeição"...

Começo então, leitor, pensando em qual era a minha relação com os alunos da Turma do Garfield na época em que enviei-lhes a primeira carta por intermédio da professora Tamara. Pois bem, era junho e eu já havia me aproximado consideravelmente de algumas crianças, outras, entretanto, ainda estavam tão longe de serem atingidas que eu sequer me lembrava de seus nomes, mas... As cartas que recebi foram tão ricas, tão encantadoras que fiquei com a sensação de que eu não conhecia aquelas crianças, mas que **elas** me conheciam muito bem. Senão, por que me escreveriam:

A gente está com muita saudade de você, pois você não veio. Mas será que é por causa do frio. Você me ajudou muito.

(Yann, Carta, 15 de junho de 2009)

Ou:

Nós estamos com muita saudade de você, você ficou muitos dias sem vir para a escola, por que? Quando você vai voltar, você tem que voltar porque nós estamos com saudade mesmo? Nós estamos muito bem e você está bem? A escola está muito diferente volta para escola para você ver?

(Francisca, Carta, 15 de junho de 2009)

E ainda:

A professora Tamara leu a sua carta e a gente da turma do Garfield gostou da carta.

(Mannoel, Carta, 15 de junho de 2009)

???

Repare, querido leitor, que as crianças autoras dos escritos acima além de demonstrarem uma afetividade muito gostosa, também se colocaram em partes, como o Danilo, em terceira pessoa. (Lembra? Na Carta VI?). E sobre essa questão, a professora Tamara sabiamente colocou que:

A primeira carta que você escreveu foi pra Turma do Garfield, né? Não foi para eles individualmente, então eu acho que, por exemplo, no caso do Yann (...), assim, como estava direcionado à Turma do Garfield, ele começava se colocando enquanto Turma do Garfield, né? Como parte desse coletivo, né? Mas aí, mas além desse coletivo ele era o Yann, né? E no decorrer da carta, eu acho que, que ele deve ter, essa mistura de primeira pessoa com terceira pessoa, foi em função disso.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Agora, sobre a minha pergunta de como eles iam para a escola, admito que me surpreendi com boas risadas com as respostas:

Eu venho quase dormindo e brava porquê eu queria dormir mais, o dia inteiro.

(Nathália, Carta, 15 de junho de 2009)

E:

Eu venho para a escola de perua e eu venho porquê é pra mim aprender mais aqui.

(Lúcia, Carta, 15 de junho de 2009)

E ainda:

Geralmente, eu venho sempre feliz para a escola e volto sempre triste porque acabou uma aula gostosa e divertida.

(Larissa, Carta, 15 de junho de 2009)

Veja que cada uma delas, assim como os cinco alunos que analisei as cartas, construíram cada qual uma resposta sobre o que eu perguntei. É como Bakhtin (2006) coloca que "cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (...) ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-se como conhecidos, de certa forma os leva em conta" (BAKHTIN, 2006, p. 297).

Agora, meu querido, gostaria de realizar uma interlocução entre as duas cartas enviadas às crianças: a da professora Tamara e a minha. Farei isso porque percebi que muitos alunos, assim como o Gustavo, também realizaram construções diferentes nas epístolas enviadas à mim ou a professora. (Ah, antes que eu me esqueça, preciso dizer que a maioria das cartas que eu recebi eram mais extensas do que as que a Tamara recebeu. Talvez seja porque ela lhes escreveu uma página e eu três).

Veja, por exemplo, o que Nathália escreveu sobre as férias para a professora Tamara:

:

Professora descansei bastante, passei brinquei muito.

Estou ansiosa com a vouta as aulas

(Nathália, Carta, 17 de agosto de 2009)

Enquanto para mim:

Nossa eu descansei muito e você?

Eu fiz muita coisa que tem que ter muita folha pra escrever.

Eu brinquei tanto e você brincou bastante? RSRRSRS

Não eu não viajei e você?

Deixa eu conta uma histori

Eu tava la na casa do meu pai e eu tenho uma irmã de 5 meses que se chama Giovanna.

Eu colocava ela de pé no meu colo e soltava e ela se equilibrava era a coisa mais linda do mundo e olha so 5 meses ri, coloca a língua pra fora, chama com a mão é uma menina muito sapeca

(Nathália, Carta, 25 de agosto de 2009)

Outro aluno que também trouxe elementos a mais em sua escrita, de modo a se contar, foi Venâncio. Assim, num primeiro momento, para a professora Tamara ele colocou que:

As minhas férias eu soltei pipa, joguei bola e fiz mutacoisas e também comprei meu tênis e também passeei na cidade.

(Venâncio, Carta, 17 de agosto de 2009)

Enquanto para mim:

Dona eu não pencei na escola e só fiquei só soltando pipa e minha mãe ficou enchendo meu saco para estudar mais minhas férias foi legal eu sibia que as minhas profecoras ficaro consadade

(Venâncio, Carta, 25 de agosto de 2009)

Assim, penso que tais escritas foram fruto da “percepção que têm daquele momento (...) a memória é reorganizadora de ações e espaços, e se realiza a partir

da afetividade, pois os sujeitos se lembram bem, em geral do que os marcou, seja positiva ou negativamente” (PASSOS, 2000, p. 103). Dessa maneira, além da prática de lembrar, as crianças tiveram um intervalo de uma semana, entre a carta da professora Tamara e a minha, para repensarem em suas férias, enfatizando em cada uma das intervenções, momentos e qualidades diferentes.

Bom, a troca seguinte de cartas foi, como eu coloquei na Carta V, a primeira que escrevi individualmente para cada uma daquelas crianças. E isso, leitor, conforme a professora Tamara em um primeiro momento:

E assim com certeza foi aprofundando a relação deles com você, comigo e isso vai melhorando a relação entre eles também... Onde um mostra pro outro o que recebeu, como veio o desenho, o envelope... E isso também foi uma coisa muito legal... Uma sacada muito legal também, porque isso valorizou a singularidade de cada um. O fato de você depois ter começado a escrever uma carta para cada um...

(Tamara, Entrevista I, 2009)

E em um segundo momento quase me fez chorar de emoção, alegria, orgulho e saudades:

É um grupo de alunos com histórias bem difíceis tanto fora da escola quanto dentro da escola, já com etiqueta de péssimos alunos e alunos problemas e tudo mais... E as cartas, o que é que eu leio de tudo isso, né? As cartas foram um momento em que a gente podia conhecer eles de outro jeito. E eles sabiam disso, eu acho. Eu acho que eles sabiam que ali a gente estava conhecendo eles de outro jeito e não assim dos alunos bagunceiros que não querem nada com nada e deixam a professora louca, sabe? Mas quem eram cada um deles. Deles colocarem essa singularidade deles e isso ter lugar na sala de aula, eu acho que as cartas potencializaram isso. E aí, eu acho que por isso que contribuiu nas relações da sala. Tanto da sua

aproximação com eles, tanto da minha aproximação com eles, quanto entre eles também.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Foi também através dessas cartas individuais, desses pequenos momentos em que as crianças podiam se mostrar além do que eu conseguia enxergar, que eu me dei conta de que elas estavam se apropriando, assim como o Gustavo, de minha escrita através de construções como o “*espero sua resposta*” da Nathália, o “*vo ficar por aqui. Também me responde viu*” da Viviane e o “*mudando de assunto*” da Francisca. Tais expressões estavam presentes de uma forma ou outra nas cartas que enviei. Assim, leitor, “o ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, construir/inventar um lugar para si, através das palavras” (CUNHA, 2002, p. 1).

Foi, então, querido leitor, a partir das palavras deles que me senti motivada para construir e inventar as palavras minhas e considere que:

A criatividade instaura o diferente na linguagem, na medida em que o uso pode romper com o processo dominante de sentido, e, na tensão da relação com o contexto histórico-social, pode criar novas formas, novos sentidos. Pode, portanto, realizar rupturas e deslocamentos em relação ao dízível (ASSOLINI, 2008. p.91).

Dessa maneira, na quarta troca de correspondências, possibilitou, como contou a professora Tamara:

Gente, a carinha deles lendo... Aquela penúltima carta que eles receberam... Que ficou aquele silêncio na sala eu nunca vi, nunca tinha acontecido... Foi muito lindo aquele momento na sala. Eu não acreditava de ver todos eles lendo e você via a expressão deles na leitura, sabe? O Venâncio quando falava “ah ela tem uma irmã! Eu tenho uma irmã também” E querer te contar, ele virava e te contava, eu falava “escreve isso pra ela, Venâncio”... E aquela coisa, um menino que não lia sabe? Que lia com muita dificuldade, que é resistente a ler e nas cartas ele devorava e ele entendia o que lia. Então assim, isso foi muito legal... E isso mudou a própria – de muitos alunos – ajudou a

mudar a própria imagem, a auto-imagem deles, porque era uma sala desacreditada...

(Tamara, Entrevista I, 2009)

Foi, então, leitor, que entendi e vivenciei o que Foucault (2006) escreveu:

(...) De cada vez que me chega carta tua, eis-me de imediato juntos. Se ficarmos felizes por possuir retratos dos nossos amigos ausentes... quanto mais nos não alegra uma carta, pois traz vivas marcas do ausente, o cunho autêntico de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impressa nas páginas, proporciona o que há de mais doce na presença: reconhecer (FOUCAULT, 2006, p. 149-150).

Então, é preciso que eu diga, e que eu reforce o meu dizer através das palavras da professora Tamara, que foi a partir desse reconhecer colocado por Foucault (2006) que ocorreu o estreitamento das relações interpessoais naquela classe que era considerada por todos da escola como um pouco mais que difícil:

A questão das cartas com certeza te aproximou da turma, isso, pra mim, foi claro, e, assim, pra mim... Aquele grupo não era um grupo constituído, assim, eles eram muito agressivos entre eles, e eles eram agressivos comigo também. E eu acho assim que o trabalho das cartas foi a linha, sabe, a linha que foi... Foi a linha para o grupo virar grupo... Assim, por isso, assim... E isso é muito bonito, até pensando na questão das lições e dos saberes e tal, pra mim o trabalho, eu não tinha ideia de que esse seu projeto ia contribuir nas relações na sala de aula. E isso foi um ganho... Eu não consigo nem dimensionar esse ganho, porque foi esse trabalho que me ajudou a pensar outras possibilidades pro grupo virar grupo.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Assim, entendi também que tal reconhecimento só foi possível porque “a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT,

2006, p. 145). É como a professora Tamara, mais uma vez, maravilhosamente me disse:

Essa coisa do destinatário real, então, uma outra coisa fundamental quando a gente vai pensar na escrita... Quando a gente escreve, a gente escreve para alguém, então, seja esse destinatário real ou imaginário esse destinatário precisa existir então é algo que eu acho que os professores pensam pouco também. Que destinatário é esse pra qualquer tipo de produção de texto que a gente faz? É o professor, mas ele vai ler com que intuito? Ele vai ler pra corrigir? E não era esse o objetivo, era estabelecer relação...

(Tamara, Entrevista I, 2009)

Assim, nessa quarta troca de cartas, uma ideia que se fez muito presente nas escritas das crianças, mas que não apareceu na de Renata, Danilo, Tuani, Manoel e Gustavo foram os pedidos de desculpas por não terem me entregado a resposta à terceira epístola. Dessa maneira, foram várias as formas de expressar tal pensamento:

Eu tinha esquecido em casa em baixo do monte de livro da escola, me desculpa? Segunda eu te entrego ta? Mas está carta vai ficar mais bonita ainda.

(Renato, Carta, 13 de novembro de 2009)

Sinto muito por não ter te entregado a sua de correspondência é que eu estava meio desligado.

(Eduardo, Carta, 13 de novembro de 2009)

A desculpa porque eu não respondi as cartas foi mau ta.

(Mannoel, Carta, 13 de novembro de 2009)

Nesse sentido, através de diferentes formas e estilos de escrita pude identificar as vozes dessas crianças e, sim, realmente as escutei enquanto lia as

palavras que escolheram... Eu ouvi entonações, vi seus trejeitos e gestos, e, finalmente, entendi que “onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói e renova tal gênero” (BAKHTIN, 2006, p. 268). E ainda, veja que lindo:

Os gêneros e estilos íntimos se baseiam na máxima proximidade interior do falante com o destinatário do discurso (...) o discurso íntimo é impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o falante abre as suas profundezas interiores. Os gêneros e estilos familiares e íntimos (...) revelam de maneira excepcionalmente clara a dependência do estilo em face de uma determinada sensação e compreensão do destinatário pelo falante (BAKHTIN, 2006, p. 304).

E, assim, leitor, cada qual com seu estilo, vários alunos me fizeram perguntas, questionaram, queriam saber mais de mim da mesma forma que a Renata colocou em sua carta... Transcrevo agora algumas palavras escolhidas pelas crianças:

Adorei o passeio de terça-feira foi muito legal ainda não e você já tinha ido? Acredito eu também não sabia. Eu gostei quando a gente foi nas garagens e quando nós entramos dentro do ônibus porque ia lavar o ônibus, e você do que gostou?

(Viviane, Carta, 13 de novembro de 2009)

Paty, você gosta de pulseiras? Eu posso fazer uma pulseira para você, que cor você gosta?

(Bianca, Carta, 13 de novembro de 2009)

Não esquecendo da prova Brasil eu estou muito ansiosa você ficava ansiosa? E você le algum gibis da Mônica jovem? Eu gosto de todos os gibis Mônica jovem e deles crianças.

(Francisca, carta, 13 de novembro de 2009)

E assim, leitor, posso dizer que tais perguntas estão intimamente ligadas ao que Foucault (2006) colocou:

O trabalho que a carta opera sobre o destinatário, mas que também é efetuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica pois uma “introspecção”; mas há que entender esta menos como uma decifração de si por si mesmo do que como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro (FOUCAULT, 2006, p. 151-152).

Nesta direção,

Agora que eu estou conhecendo sobre você eu gosto muito mais de você.

(Reinaldo, Carta, 13 de novembro de 2009)

Percebo através da escrita de Reinaldo que “quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas” (Geraldi, 1997, p. 17). E também que:

Afetividade não me assusta, não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao quere bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (...) A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 2006, p. 141).

Consoante com essa afetividade, querido leitor, aquelas crianças me escreveram por uma última vez:

É sempre bom tirar umas fotos no final do ano porque deixar de enfeite no raque ae você olha na foto e fala o meus alunos do 5º D neh você vai pensar que saudade.

(Geraldo, Carta, 07 de dezembro de 2009)

Eusei que agente não vai seve como agente sempre nasala de professora Tamara mas apareça sempre na escola foi legal quando agente trocava cartinhas vou ficar muito triste porque não vou mais tiver dia de quarta e sexta mas apareça cempre naescola assim agemte pode conversa.

(Mannoel, Carta, 17 de dezembro de 2009)

Foi nessa escrita também, leitor, que, assim como Gustavo, algumas crianças trouxeram seus anseios e planos para o próximo ano:

Nossa é verdade daqui a pouco estamos no natal é o tempo passo muito rapido, eu também muito feliz de ir para 6º ano é verdade vai ter muita coisa nova para aprender, vai te 8 professoras é da um frio na barriga, eu vo continua até 9º ano e to muito ansiosa.

(Viviane, Carta, 07 de dezembro de 2009)

Vou ficar com saudades de você e ano que vem vol estudar aqui na escola e voce vai continua ser professora aqui na escola.

(Geraldo, Carta, 07 de dezembro de 2009)

Assim, meu caro leitor, encerrei o projeto de cartas naquela escola com aquelas crianças que tanto me ensinaram com sua escrita, suas vozes e relações. Elas que, ante a pergunta feita por Mannoel:

Você trabalha em outro lugar sem cernaescola você não vai embora para casa nervosa quando você sai da escola ou você vai embor feliz?

(Mannoel, Carta, 13 de novembro de 2009)

Possibilitaram-me ir para casa **realmente** feliz nessa jornada um tanto complicada no começo por sua inconstância entre altos e baixos, mas que depois se constituiu em uma maravilhosa experiência... Afinal, como não ficar, estar e ser feliz ao saber que:

Aconteceu entre as meninas de uma escrever pra outra e colocar dentro do envelope. E aconteceu também entre os meninos... O Danilo escreveu pro Geraldo... Foi muito lindo, dizendo que ele era um amigo que ele gostava muito e que ele

esperava continuar estudando junto com ele no ano seguinte. E outra coisa que eles começaram a colocar bala e bombom nos envelopes... Isso é muito legal... Então eles viam o amigo que eles gostavam, ao invés de entregar a bala, colocavam no envelope para o amigo ir lá e pegar. Quando eu apareci com aquele painel... Aquele painel, acho que foi uma coisa legal também, pena que eu não consegui ter o tempo de criar mais espaços pro uso dele. Quando eu coloquei lá, a impressão que eles deram é que aquele dia e aquela semana eles não queriam fazer mais nada a não ser escrever cartas ou bilhete pra colocar nos envelopes (...). E as outras crianças também, às vezes eu dava uns dez minutos no final da aula, deixava as folhas coloridas em cima da mesa e eles pegavam e escreviam.

(Tamara, Entrevista I, 2009)

Ou sentir orgulho no momento em que:

Heloísa, a mulher que cuidava do horário de entrada, lanche e saída das crianças apareceu na classe para falar oi para as crianças porque estava com saudades (mudou de emprego). Contou com os olhos cheios de lágrimas que chorou a noite toda lendo as cartas que os alunos mandaram de despedida: "Tamara, você precisava ver a carta que o Danilo me escreveu!".

(Diário de Campo, 06 de outubro de 2009)

Ou ainda quase pular de alegria, chorar de emoção, bater palmas de felicidade, ao saber que aquele mesmo Venâncio que em 2009 lia com muita dificuldade, não se interessava pela maioria das atividades e que ficou retido de ano, em 2010, poucos dias atrás, de acordo com a professora Tamara:

Eu pedi para que eles escrevessem um relato pessoal a partir do tema “o que os alunos ensinam aos professores”. Então, o Venâncio (...) não conseguiu pensar em uma situação do que ele me ensinou esse ano, ele trouxe uma situação do ano passado e a situação foi justamente o projeto das cartas... Assim, ele escreveu bem pouquinho “nossa sala do ano passado ensinou, ensinamos para nossas professoras”, e daí ele colocou eu e você, “a falar sobre a nossa vida com as cartas e mensagens”. Ele escreveu isso aqui. Então, o que ele acha que ele ensinou para a professora? Ele ensinou nesse momento de escrita de cartas porque era o momento que ele escrevia sobre a vida dele pra gente... Ele tinha N situações para pensar esse ano... Quer prova maior que a carta é um instrumento muito potente no trabalho de escrita autobiográfica em sala de aula?

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Ou, como se não fosse o suficiente, ainda ouvir da professora que eu tanto admirei (e admiro) que:

Enquanto nas cartas tem o outro, quando a gente estabelece diálogo parece que o falar de mim ganha mais sentido porque eu estou falando de mim para o outro... E aí, sabendo que eu estou falando de mim para o outro, que pode ser a professora, a estagiária, a minha história interessa pra alguém, né? Então, isso é importante também... Eu acho que essa foi uma lição fundamental que faz com que eu esse ano, como professora de quinto ano, queira fazer esse papel que você teve com as crianças ano passado, eu quero ter... Assim, de tentar e, vou fazer, me corresponder individualmente com as crianças porque tem um sentido muito especial pra eles, muito especial. Assim, é um momento principalmente em sala de aula que é uma confusão, uma agitação e nem sempre a gente consegue dar a atenção que todo mundo precisa, no momento que todo

mundo precisa a carta acaba sendo uma estratégia metodológica nisso, sabe?

(Tamara, Entrevista II, 2010)

É por tudo isso que te escrevi nesta e em outras cartas, meu querido leitor, que considero que cumpri os objetivos e confirmei as hipóteses que eu tinha quando iniciei este projeto com as cartas. Acredito e defendo que esse movimento de escrita de correspondências, juntamente com a prática pedagógica da professora Tamara possibilitaram uma vivência escrita por Geraldi (1997) em que

o que se diz ou as formas de dizer podem levar leituras de textos que, ampliando nossos horizontes de análise (pela incorporação crítica de categorias de compreensão do mundo que não conhecíamos), ampliam o que temos a dizer; a forma como outros disseram o que disseram (...) amplia nossas possibilidades de dizer (GERALDI, 1997, p. 175).

Nesse sentido, penso que além de possibilitarmos (assim mesmo no plural, porque, é como eu já escrevi, não consigo enxergar tudo isso sem as contribuições da professora Tamara e do professor Guilherme) àquelas crianças a apropriação do gênero cartas, ainda ampliamos suas formas de dizer com expressões e termos nossos que foram ressignificados por elas, uma vez que

cada um lê com os olhos que tem, e interpreta a partir de onde os pés pisam... Sentimos e reagimos aos fatos da vida de acordo com aquilo que trazemos dentro de nós: nossa história, nossa personalidade, os desejos e anseios que carregamos. Talvez esteja ligado a este pensamento o fato de tentarmos sempre não perder as nossas raízes, ou seja, não deixarmos que nossos pés mudem constantemente, mas sim que fiquem firmes em "nossa terra". Interpretar a partir de onde aquilo que temos como a nossa verdade, sem a qual tudo se torna relativo demais e perdemos nossa identidade (FERNANDES, 2005, p. 102).

Além disso, através desses dois pontos, criamos espaço para que todas aquelas crianças se manifestassem através da escrita em primeira pessoa, de modo a contarem sobre si:

Mas foi na correspondência das crianças com você que a atenção e lugar para a singularidade de cada um do grupo ganhou espaço e força na sala de aula.

(Tamara, Entrevista II, 2010)

Afinal, leitor, é como o Pablo Neruda (2008) em seu *Livro das Perguntas* quando questiona se “o 4 é 4 para todos? Todos os sete são iguais?”... Não, meu caro, o 4 não é 4 para todos; assim como as construções que as crianças fizeram não foram as mesmas; assim como também as relações que estabeleci com cada um dos alunos não foram as mesmas; as perguntas que eu fiz em minhas cartas, por mais que fossem as mesmas (ou quiçá parecidas), receberam sentidos e significados diferentes... Tudo porque eram crianças, histórias, aprendizagens e vozes diferentes.

E é assim que termino esse caminho... É aqui que fecho, concludo e encerro minha troca de cartas com você, querido leitor. Aprendi muito com essa escrita, pois esse movimento de olhar através das correspondências das crianças e me contar possibilitou prazeres, recordações e reflexões sem tamanho. Vejo agora as epístolas como um espaço ainda mais rico de relações do que quando iniciei essa jornada.

Já cheia de saudades,

Patrícia

**Carta XII: MEUS QUERIDOS E MINHAS QUERIDAS,
enfim agradeço-lhes**

Campinas, exatamente no meio de junho de 2010

Meus Queridos e Minhas Queridas,

Vocês bem sabem que eu nunca gostei de despedidas... Talvez porque eu sempre fui uma pessoa consideravelmente resistente a mudanças. Mas, como tudo tem sua hora nesta vida, chegou o momento de dizer-lhes “até breve” (porque “adeus”, meus amigos, é uma palavra que definitivamente não consta no meu vocabulário!)...

Pois bem, depois dessas muitas idas e vindas em minha escrita não posso permitir que o meu leitor pense que construí tudo sozinha. Muito pelo contrário... Até mesmo nos dias e nas cartas em que eu quis distância, meu discurso transbordava a voz, o estilo, os valores e as ideias de várias outras pessoas... Eram marcas de **vocês**, meus queridos e minhas queridas. É preciso, então, que eu os agradeça e elogie por escrito para que fique tudo devidamente registrado, mas, é claro que se nos encontrarmos por aí, farei questão de repetir tudo pessoalmente com direito, até mesmo, de um abraço apertado (daqueles que só pessoas que se conhecem muito bem são capazes de dar)...

Bom, então quero agradecer ao professor Guilherme do Val Toledo Prado que, antes de tudo, se permitiu ser convencido por mim de que essa coisa de escrever cartas poderia dar certo... E, depois disso, conversou, sugeriu, deu pitacos, orientou, se empolgou e, por final, me emprestou um bocado de coisas boas: alguns livros, um punhado de sua paciência e um tantão de falas e perguntas (as últimas, sinto muito, mas não pretendo devolvê-las, não)...

Também preciso muito agradecer à professora Tamara Abrão Pina Lopretti que escancarou as portas de sua classe para que eu pudesse construir minha pesquisa, minhas perguntas e minha prática pedagógica... E, além disso (como se fosse pouco), ainda me possibilitou um espaço como sua parceira na escrita e nos diálogos escolares ao mesmo tempo em que, consciente ou não, só fazia aumentar minha admiração e meu desejo de ser professora...

Aproveito o momento para também agradecer às professoras, às funcionárias e à direção da escola que permitiram a minha longa e prazerosa jornada de acompanhamento daquelas queridas crianças que, meramente por questões formais, tiveram seus nomes trocados no decorrer de minha escrita, mas que marcaram suas assinaturas, rostos, gestos e falas em mim. Sem elas simplesmente não haveria forma de me contar como fiz e, por isso, dediquei-lhes todas estas páginas...

Um muitíssimo obrigada ainda à professora Eliana Ayoub que aceitou com um sorriso enorme ser a segunda leitora desse trabalho e, como se não bastasse, sugerir, comentar e me emocionar com o seu parecer, fez-se para mim uma referência entre dois de meus vários eixos: a profissão docente e o trabalho com o corpo, suas formas e movimentos...

Aproveito para agradecer aos amigos e amigas que dentro e fora da faculdade me ajudaram a manter minha mente tranqüila com as muitas risadas, as perguntas, os achismos e os achados, as palavras de apoio (e as outras tantas palavras de tirar sarro), os desesperos compartilhados, as repressões (leiam-se, os conselhos), as imagens e experiências que muito me ensinaram e me apreenderam...

E, por último, mas, é claro, não menos importantes, aos meus pais e à minha irmã que sempre me incentivaram a escrever, a ler, a viver. E que, sem isso, certamente eu não conseguiria finalizar essas muitas e muitas linhas, porque estaria empacada em tantas outras...

Então, bem, espero que todos vocês estejam certos do carinho que guardo por cada um... E, como na epígrafe que propositalmente escolhi (e me respondam o que não é proposital nesta vida?), são as vozes, as escutas e os sentidos de vocês que **sempre** me interrompem antes que eu termine que, assim, me possibilitam um novo encontro e um reconstruir a cada dia...

Despeço-me, então, com o doce gosto do dever cumprido graças a vocês... Espero realmente escrever-lhes em breve...

Um beijo, um abraço, uma enorme gratidão,
Patrícia

**Carta XIII: AOS INTERESSADOS,
as várias outras vozes que se fizeram presentes nesta escrita**

Campinas, um dia depois do exatamente-no-meio-de-junho-de-2010

Aos Interessados,

Nas próximas páginas vocês encontrarão as referências bibliográficas que utilizei na construção de minha escrita, mas, por favor, entendam que, para que este trabalho fosse realizado, muitos outros autores e autoras imprimiram suas marcas em mim, as quais, sem pudor algum, eu me apropriei ao longo desses anos de vida. Então, nesta pequena lista abaixo acrescentem mentalmente páginas e mais páginas de outras vozes que, sem eu saber ao certo onde começam e terminam, também apareceram nestes meus escritos.

Saudações,
Patrícia

AHLBERG, Allan. **O carteiro chegou**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

ARAÚJO, Ulisses F. de. Respeito e autoridade na escola. In: Aquino, Julio Groppa (org.). **Autoridade de autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo: Moderna, 2002.

ASSOLINI, Filomena Elaine p. Discurso pedagógico escolar: condições de produção, interpretação e a emergência da autoria. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Unijuí, 2008.

AZEVEDO, Regina Quintanilha; GONÇALVES, Renata Braz. Cartas que revelam o comprometimento com a valorização da leitura: empenho de professoras para a manutenção da Biblioteca Infantil de Bagé (1963-1965). In: PERES, Eliane; ALVES, Antônio

Maurício Medeiros (orgs.). **Cartas de professor@s, cartas a professor@s**: Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Laços de papel. In: _____. (orgs.). **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

BAZARIM, Milena. **Construindo com a escrita interações improváveis entre professora e alunos do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Campinas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Obras escolhidas Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Portugal: Porto Editora, 1997.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000a.

_____. **Cartas e escrita**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2000b.

CASTILLO GOMÉZ, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

COLL, Cesar (org.). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Escrit(ur)a do corpo no corpo da escrita: da palavra à vida-morte. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Unijuí, 2008.

CUNHA, Anna Carla de Oliveira Dini. **Uma história de constituição de gênero discursivo em sala de aula: cartas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina V. (orgs.). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

_____. A escrita epistolar e a história da educação. 25ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/mariateresasantoscunhap02.rtf>. Acesso em: 11 de maio de 2010.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FERNANDES, Carla Helena. Entre a disciplina e a (re)invenção: a escrita das professoras no cotidiano escolar e nos entremeios do discurso pedagógico. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (orgs.). **Porque escrever é fazer história: revelações, superações e subversões**. Campinas, SP: gráfica FE/UNICAMP, 2005.

FERRIOLLI, Beatriz Helena V. M. Autoria e dislexia. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Unijuí, 2008.

FIAD, Raquel Salek. Ensino e autoria. In: TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Unijuí, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LACERDA, Mitsi Pinheiro. Por uma relação repleta de sentido. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Professora-pesquisadora – uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, Rosimeire Simões de. Cartas de meus (ex) alun@s: vínculos afetivos mantidos através da caneta e do papel. In: PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (orgs.). **Cartas de professor@s, cartas a professor@s**: Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LOBATO, Monteiro. **O picapau amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOSTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1994.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MORAIS, Roseluisa Teresa Pereira de. Cartas dos “peixinhos” à professora. In: PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (orgs.). **Cartas de professor@s, cartas a professor@s**: Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

NERUDA, Pablo. **Livro das perguntas**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ORAM, Hiawyn. **As cartas de Ronroroso**. Salamandra, 2008.

PASSOS, Mailsa Carla. Memória e história de professores: como praticar também é lembrar. In.: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (orgs.). **Cartas de professor@s cartas, a professor@s**: Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, superações e subversões. Campinas, SP: gráfica FE/UNICAMP, 2005.

SABINO, Fernando. A escrita é outra. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. **Cartas na mesa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Inês Henrique dos. A experiência da escrita ou reflexões sobre relatos de formação docentes narrados na liberdade da leitura. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, superações e subversões. Campinas, SP: gráfica FE/UNICAMP, 2005.

SANTOS, Maria Lucia. **A expressão livre no aprendizado da Língua Portuguesa – Pedagogia Freinet**. São Paulo: Scipione, 1993.

SOLIGO, Rosaura. Sobre organização de projetos temáticos. In: ACRE. Secretaria de Estado de Educação do Acre. **Cadernos de orientação curricular**: Para organizar o trabalho pedagógico no Ensino Fundamental: caderno 2 geral. Rio Branco-AC: SEE, 2009.

_____. Venho por meio desta. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, superações e subversões. Campinas, SP: gráfica FE/UNICAMP, 2005.

TAVARES, Lúcia Helena Medeiros da Cunha. **Bilhete, carta, e-mail: os gêneros de comunicação pessoal na interação infantil.** s/d. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/71/pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Múltiplas faces da autoria.** Ijuí: Unijuí, 2008.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.